

obedeceffe o mar, a terra, o ar, o fogo, onde com diversos milagres estiveraõ todas as creaturas á sua obediencia, qual a outro Elias. Estando n'uma cova, ou Ermida, em devotos exercicios, as aves lhe vinhaõ fazer coro, e em lugar de se divertir, se costumava suspender, e arrebarar. Tremiaõ delle os demonios, ou pela guerra que lhes fazia, ou porque lhes impedia a posse, que de muitas almas tomava; e assim, sendo para todos os Catholicos summamente agradavel, e favoravel, era para os demonios summamente terrivel; que isto tem os queridos de Deos.

60 He pensamento de Hugo Cardeal, que vendo os Anjos do Ceo a huma alma amiga de Deos, que na terra obrára prodigios, para admirar com allombros, causava perguntarem os Anjos admirados: *Quæ est ista, que progreditur, quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut Sol, terribilis ut castro-ram acies ordinata?* Disto mesmo fórma Hugo o seu

reparo: Que huma alma amiga Deos seja como aurora bella, que chega na madrugada despedindo a noite, e pedindo as alviçaras de chegar o dia; que seja como a Lua formosa, cheia de luzes para não reinarem escuridades; que seja como Sol escolhida, para influir em todos o bem de seu bom exemplo, e boas obras; como o Sol, q allumia o mundo, favorecendo, e vigorando com suas influencias as creaturas da terra; seja isto muito embora: que ser agradavel, e favoravel para todos huma creatura, he proprio dos amigos de Deos, que como a Deos agradaõ., tambem agradaaráõ a quem com seu bom exemplo, e hõas obras favorecem. Mas ser tambem como exercito espantoso, como arrayal terrivel: *Terribilis*, para quem? O mesmo Hugo expõem com a agudeza de seu espirital engenho: *Terribilis demonibus, & malibus spiritibus, quos orationibus, & precibus arcet, vulnerat, dejicit, & confundit.* He terrivel para os de-

demonios, e máos espiritos, a quem com oração, e deprecações aparta, fere, afugenta, e confunde. Que isto tem consigo os amigos de Deos: Se os filhos da Igreja são agradaveis, e favoraveis: *Quasi aurora, pulchra ut Luna, electa ut Sol*; para os demonios do inferno, como exercito espantoso, com suas orações haõ de ser terriveis: *Terribilis demonibus, ut castrorum acies, orationibus, & precibus.*

61 Quem melhor nisto que o nosso Santo? Para os Catholicos, com seu exemplo, e boas obras, todo agrados, todo favores; para os demonios, com seus santos exercicios, e oraçoens, todo assombros, todo terribilidades. Assim luzio, e ardeo na santa oração: *Lucerne ardentes, id est, oratio, contemplatio, & spiritualis dilectio.* Nisto luzio, e ardeo como a tocha, até a vida se lhe consumir; sendo o mesmo no amor do proximo até a vida se lhe acabar, empregando-se sempre, ja no confessorio, ja no pul-

pito, ja escrevendo, ja aconselhando, ja dando santos exemplos, no que não parou, em quanto viveo. Porém não bastava com a doutrina luzir, com as sciencias allumiar? Para que o manda o Senhor tambem arder: *Lucerne ardentes?* Porque sendo só luz, poderá sómente allumiar, e sendo juntamente luz, que arde, he para que possa tambem accender: que, sem accender, não faz Deos muito calo só do allumiar; quem juntamente allumia, e accende, ella he a mayor cousa na estimação do Senhor.

62 Ao Grande Baptista ^{Mat. th. II} estimou Christo pelo mayor dos nascidos no mundo: *Inter natos mulierum non surrexit mayor. Quare? Erat lucerna lucens, & ardens.* Luzia allumiando, e ardia accendendo. Ay de mim, e ay daquelles, que só trataõ de luzir brilhando, e não ardem accendendo! Porque, como diz S. Bernardo, luzir he cousa vaã, só arder he cousa pouca, más luzir, e juntamente arder, cousa perfeita: *Lucere, vanum est; arde-*

ardere, parum; lucere, & ardere perfectum. Porém reparo dizer o Senhor, que este luzir, e arder tenhaõ os Santos em suas mãos: *Lucerne ardentes in manibus vestris.* Será por ventura, porque enchendo as mãos de luzes, queira o Senhor que os seus fervos sejaõ Santos de mão cheya? Será porque quem leva a tocha, vay diante; e quer Deos antes, que muito diante de todos vá na virtude, e santidade quem tem por officio o prégar; e isto bem poderá ser. Mas deixando agora isto de parte, vamos ao moral, e ao mystico, que he o que agora mais nos serve. Fieis, o que vos digo he, que quem não arde, não accende.

63. No Regio solio daquelle carro triumphal, que vio Ezechiel, hia sentada huma personagem similhante a Deos, a quem, com estas palavras dizia huma Divina voz: *Imple manum tuam prunis ignis, quæ sunt inter Cherubim, & effunde super Civitatem.* Destas brazas de fogo, que vaõ entre os Querubins, que

puxaõ por este carro, enche a tua mão, e as lança sobre a Cidade de Jerusalem. Disto se entende, querer o Senhor abrazada aquella Cidade. Porém que abraze a Cidade, seja embora, que assim o manda Deos; mas que as mãos de quem está no solio se enchaõ de brazas, com que primeiro se queimem, mais parece mandato cruel, que posto em razaõ. Leve embora estas brazas em algum thuribulo, ou vaso, de onde as possa lançar sobre a Cidade a fazer este incendio; mas para fazer este incendio ha de levar as mãos cheas de brazas de fogo? Sim, diz Alapide: porque esta ordem não foy por acaso, nem por conselho de homens, senaõ por alta Providencia de Deos: *Ut significet urbis incendium, non casu, nec hominum consilio, sed Dei providentia, & decreto futurum esse.* Queria o Senhor, que este similhante a elle accendesse, e queimasse aquella Cidade: pois queime-se ella, e arda primeiro; que quem primeiro

le não queima, não arde, e sem arder não accende: *Imple manum tuam prunis ignis, & effunde super Civitatem.*

64 E de que nasce, que esta Cidade, este Reino, todo o mundo, e este auditorio não arda, e se abraze no fogo do amor de Deos? Faltaõ por ventura tochas? Não por certo: até eu sou tocha, mas tocha apagada, e chea de fumos. Faltaõ Prégadores, q̄ luzaõ como tochas? Como tochas, que brilhaõ luzindo, ha muitos; como brazas que ardaõ accendendo, ha poucos: *Quare hoc?* Não ardem, por isso não accendem &c. Ex-aqui porque o Senhor quer que a doutrina, e o exemplo no pulpito, no confessorio, e em toda a parte, seja não só tocha acceza, mas tocha ardente. Naquelle Divino Sacramento temos bõa prova disto. Aquella braza acceza, que hũ dos Serafins do throno tirou do altar para purificar a boca de Izaias, dizem os Expositores sagrados que significa aquelle Divino Sacramento: *In ma-*

nu ejus calculus, quem forcipe tulerat de Altari. E porque ha de ser braza este Sacramento? Não bastava que fosse luz do mundo? Não, que a luz allumia, e a braza accende. E o que Deos quer deste Sacramento de nossas almas, he o accendê las, e não só allumiá-las: a luz brilha, a braza arde; a luz brilha luzindo, a braza arde accendendo; que he o que diz o Senhor: *Ignem veni mittere in terram; & quid volo, nisi ut accendatur?* Eu vim lançar fogo na terra, e que outra cousa quero, senão que se accenda?

65 O nosso Santo como luz allumiava, e ardia como tocha, qual outro Baptista. *Erat lucerna lucens, & ardens;* ou como quem tinha entranhado em si o dobrado espirito do outro Elias, seu Santo Patriarcha, que ja lá no seu tempo se queixou, que tendo quatrocentos e cincoenta Prégadores o Idolo Baal, elle fó ficara Prégador de Deos em Israel: *Ego remansi Propbeta Dei solus, Propbeta autem*

tem Baal quadringenti & quinquaginta viri sunt.

Pois como tantos do demônio, e hũ só de Deos? O Texto dá a razão: *Surrexit Elias Propbeta quasi ignis. & verbum illius quasi facula ardebat.* Era Elias como tocha, e como braza; como tocha allumiava, como braza accendia: os outros, ainda que pertendiaõ luzir, nunca chegáraõ a accender. Oh lastima! oh miseria! &c. Que os Prégadores brilhem com a discriçaõ, luzaõ com a sciencia, lustrem com a elegancia, não o vitupero por máo, nem deixo de o julgar por bom; que dar a gallinha crua ao enfermo, he accrescentar-lhe o fastio: mas que juntamente não accendaõ em amor de Deos as almas! que não inflammem, que não abrazem em amor de Deos as creaturas! Oh que isto he ser Prégador do mundo; mas não prégador de Deos, como diz S. Bernado! *Lucere vanum est, ardere parum, lucere &c.*

66 Quando Deos fez a Ezechiel seu Prégador, disse-lhe que, para exercitar ef-

te officio naquella Corte, lhe dava cara de pederneira, e rosto de diamante: *Ut adamantem, & ut silicem dedi faciem tuam.* Notavel presença de Ezechiel para ser Prégador de Deos! Que seja diamante, passe, que resplandece; mas pederneira, que não tem resplendor, senão cara triste, para que? Com muita razão: porque do diamante he proprio o brilhar, e ter muitos vizes para luzir; da pederneira he proprio o ferir fogo para accender, e sem a virtude do accender não quer Deos que o seu Prégador use da galhardia do brilhar, da elegancia do luzir: não só haõ de sahir pedaços de diamantes pela boca, mas tambem haõ de saltar-lhe faiscas de fogo pelos olhos; não só ha de dizer perolas, e cousas preciosas; mas fira fogo nos ouvintes, até le varedas nas almas: não só trate de deitar chispas, quando verte luzes, chova sobte as almas faiscas, e accenda chammas: finalmente, não só use da voz da doutrina para allumiar, senão do fogo ardente do

amor de Deos para accender; que isto he o que manda Deos que tragamos mais á mão: *Lucernæ ardentes in manibus vestris.*

67 Oh quanto luzio este Santo com os milagres, e espirito de Profecia! Este fervor, este zelo assaz se vio arder em tantas funçoens, q̄ arder em tantas funçoens, q̄ fez; em tantos milagres, que obrou; em tantas profecias, com que a muitos prevenio; em continuas fadigas, e em perpetua occupação do bem das almas, e gloria, e honra de Deos: ardia de modo, q̄ não só accendia as almas, mas queimava os demonios com o fogo em que se abraçava, não se atrevendo a esperar de huma vista sua de olhos a menor leveda. O tempo que lhe ficava do Coro, ou do governo, sendo Prelado, não só hia aos confessionarios, e aos pulpitos das terras onde se vivia, mas aos lugares circunvisinhos, e a pé, descuidando-se do sustento dias inteiros, por sustentar as almas com o pasto espiritual, que elle tinha por seu mayor sustento, como dizia Christo: *Meus*

cibus est; ut faciam voluntatem Patris mei, qui misit me.

João
4.

68 Por isso o Espirito Santo desceo em linguas de fogo &c. *Quare* não de agoa? Porque na agoa haveria doçuras, e haveria o brilhar das luzes aos rayos do Sol, mas tudo havia de esfriar. A lingua de fogo não só teria de fogo as luzes, mas tambem teria terribilidades, fulminaria rigores; porẽm havia de accender os coraçõens, e inflamar as almas, que isto he o que Deos quer dos seus fervos, arder, não só brilhar; accender, não só luzir: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.* Taõ excellentemente encheo esta perfeição o nosso glorioso Santo, que luzio, e ardeo no pulpito, no confessionario, nos escritos, nos exemplos &c. Luzio como letrado, brilhou como entendido, lustrou como discreto, resplandeceo como prudente; mas tambem ardeo como justo, accendeo como Santo fervorosamente, zeloso da gloria, e honra de Deos, e salvação das almas.

Quan-

Joan
4
Quantos tirou da jurisdicção do demonio! Quantos do lago do inferno, do fogo, da perdição, do abyfmo do peccado, como outro S. Basilio. Livrou a hũa Religiofa do espirito de blasfemia, a quem fummamente o demonio perseguiu, e aquem em figura do Santo Padre queria perverter. Sirva hum exemplo de exemplo do que nas mais almas faria este Santo.

69 Certa donzella recebeu o habito de Religiofa em hum Convento, á qual fendo de idade de feis annos, appareceo o demonio em fórma corporal: e ella, rendida da fua formofura, lhe entregou namoradamente a fua alma. Era de agudo natural, e muy prezada de dizidora, e difcreta. Valeo-fe o demonio da fua inclinação, e lhe offereceo fazê-la a mais douda, e difcreta que todos os varoens mais fabios; e affim o cumprio, tirando por condição huma cedula, firmada com feu fangue, de que não teria outro efpófo. Em tudo veyo a miseravel, affeyçoada, e

perdida de tal maneyra, que aborrecia a Deos, e defejava que todos o aborrecessem, por fazer este obfequio ao demonio. Crescendo a idade, e não tendo no mundo pouco, (ainda que nunca o demonio dá muyto. A Christo mostrando hum mudo para offerecer, não teve huma fatia de paõ para dar) entrou em hum Convento, adonde o demonio, por feu meyo, queria perverter muytas almas. Alli a receberaõ com grande applaufo, pelo intereffe, e fingularidade das prendas, que nella havia. Fallava todas as linguas, fabia todas as artes; e na Theologia, e mais fciençia taõ altamente offentava, que lhe attribuiã fciençia infufa. Mas como as fingularidades fempore fe notaõ, e faõ fufpeytofos fempore os casos efrondozos, entrãraõ em grande cuidado os Prelados da fua Religiaõ; valeraõ-fe do Santo, que, ainda que fe efcufou aos principios, preparado com a oraçaõ, penitencia, e viva fé, e total defconfiança de fi, fe metteo na empreza: co-

nheceo a causa, e depois de varios lanças, e batalhas, que teve com o demonio, fez confessar á Freyra todo o successo. Ao primeyro encanto a privou o demonio dos sentidos, e ficou muda; ao segundo deatou a lingua, e confessou o successo, e que alli estava Lucifer, com tres legioens de demonios em sua ajuda, cada hũa de 6666. Porém a mayor resistencia foy a dureza do coração, que nella deyxou tanto numero de demonios. Finalmẽte taes cousas lhe disse da Divina Misericordia, tanto trabalhou, ainda que o demonio tomando a figura do Santo em sua ausencia a quiz desesperar, que se veyo a converter, vendo que era falsa a figura, com quem estava fallando: fez por ultimo sahir fóra daquelle corpo aquelle exercito de espiritos inimigos, e como outro S. Basilio, fez com que o demonio restituísse a cedula que lhe tinha dado, que o Santo queymou logo, e pondo livre a Freyra de taõ cruel inimigo para fazer penitencia, e tratar do seu remedio.

70 Este Santo livrou das cadeas do demonio outras muytas almas do carcere dos vicios em que estavaõ prezas. Certa dama, que por sua formosura, e prendas era feytiço das almas, reduzida com sua doutrina, mudou as gallas em penitencias; e a que era de profanidades escandalo, foy da virtude exemplo. Da mesma sorte, as mulheres perdidas, reformando a vida, depois de chegarem a seus pés, depunhaõ as gallas, trocaõ as télas com o burel, as sedas com os cilicios, as fitas com as diciplinas, os deleytes em penitencias, as vaidades em desprezos do mundo, a gloria dos gostos mundanos em mortificação da vida, a murmuração em oração, as occupaçoens profanas em santos exercicios. Pois que he isto, tenaõ ser tocha, que allumia, e tocha que accende; ser tocha accesa, braza viva, diamante, e pederneyra com alma: finalmente o que Deos quer para gloria sua, e salvação nossa: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.*

71 Finalmente conclue o Senhor o Thema, dizendo: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum quando revertatur à nuptiis.* Depois q̄ vos cingirdes de penitencias, que vos aproveytardes a vós, que assistirdes por oração na presença de Deos, que ajudardes ao proximo, por oração, confissão, bõas obras, e bons exemplos; o que falta he, que estejais alerta esperando por Deos, como os servos, que esperaõ por seu Senhor, que torna das bodas. E que quer dizer, esperar pelo Senhor como quando vem das bodas? Esta espera não significa a morte, que he cousa triste? Como logo lhe chama-boda, que he cousa alegre? A razão he; porque como na morte se padece a mayor pena da vida, diz Aristoteles: *Omnium rerum mors terribilissima est*, e nas bodas se goza o mayor gozto; quer Deos que os seus servos, em quanto estaõ nesta vida, só se gozem no padeecer por Deos.

72 Dizia S. Paulo, que a sua gloria, e alegria a lo-

grava nas penas, e tribulaçoens: *Gloriamur in tribulationibus.* Com fer de S. ^{Ad Gal. 6.}

Paulo o dito, não causa pequeno reparo. Quem posuio jámais gloria nas penas, nas mortificaçoens allivio, e nas tribulaçoens gozto? Que Paulo se gloriafle nas vizoens do Ceo, aonde foy levado a ouvir segredos de Deos: *Raptus sum usque ad tertium Cælum ubi audi vi arcana verba*, dizia bem; mas não diz que se gloria-va nas vizoens do Ceo, e só diz que se gloria-va nas tribulaçoens: *Gloriamur in tribulationibus?* Sim; porque nas vizoens do Ceo goza-se, nas tribulaçoens padece-se. Estava nesta vida Paulo, e amava muyto a Deos nesta vida: *Mihi vivere Christus est, & mori lucrum.* E quera nesta vida as penas, que tinha por sua alegria; que os servos de Deos, em quanto estaõ nesta vida, só se gozaõ, e se alegraõ no padeecer por seu Deos: *Gloriamur in tribulationibus.*

Mas q̄ muyto he q̄ faça isto hum homem por Deos, se Deos fez isto, e muyto

mais pelo homem. Padecer huma pena sobre outra pena, hum padecer dobrado, e não hum penar singello, este era o gosto de Deos.

Mat.
th. 6.

73 No horto se representou a Christo o Caliz de sua payxaõ, quando para que passasse delle orava a seu eterno Pay: *Pater, si possibile est, transeat à me Calix iste.* E foy tal a ancia, que suando sangue não teve consolaçaõ na pena. Fez segunda, e terceyra petiçaõ: e entaõ ficou consolado, quando lhe appareceo, para o confortar, hum Anjo. *Apparuit ei Angelus confortans eum.* Quem reparar nas pinturas do sagrado texto, e nas mais, com que pintaõ este passo, verá que o Anjo com outro Caliz na maõ lhe appareceo. Que he isto, meu Jesus? O Caliz, que vos offerece o Pay, da-vos pena: *Si possibile est transeat à me,* o Caliz, que vos offerece o Anjo, he vossa consolaçaõ, e gosto: *Confortans eum? Quare hoc &c.* Que significa o Caliz, que na oraçaõ se lhe representou, senaõ as penas, que Christo havia

de padecer? Que significa o Caliz, com que o confortou o Anjo, senaõ que não era singella a pena, mas sim dobrado o tormento? Pois diz o Senhor, quando seu Eterno Pay lhe offerece hum Caliz só: este Caliz só, isso não, porque he padecer singello; outro Caliz de novo, isso sim; porque duplicados Calices he padecer dobrado; isso he o que eu quero, isso me conforta a vida, isso me da mayor gosto. E porque razaõ, meu Deos, dais a entender vos gozais mais em padecer dobrado, mostrando tendes mayor pena em padecer singello? Porque amo aos homens: *Propter nimiam charitatem suam, qua dilexit nos.* Quero q̄ se veja, pelo amor, que tenho aos homens, quanto me allivio, e me gozo no que padeço por elles. Pois com quanta mais razaõ, no que padecem por Deos, se devem gloriar os homens? Não estimando da vida tanto o gozar, como padecer penas sobre penas por amor de seu Deos: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum*

Ad Ep.
phel.
24

74 A feis azas voa o pensamento no amor do nosso Santo; porque nisto obedecio a Deos deforte, taõ ambicioso de padecer por elle, que estando hum dia orando diante de hum devota pintura de Christo Senhor nosso com a Cruz ás costas, lhe disse o Senhor: Fr. Joaõ, que queres por premio do que por mim tens feito, e has padecido? Respondeo com presteza, e grande animo: Senhor meu, padecer, e ser desprezado por vós. Rara petição! Admiravel supplica! Quero por premio o trabalho, por soldo o tormento, as chagas por gloria, as feridas por galardão? Oh admiraveis palavras nascidas de hum espirito mais que humano, de hum coração todo divino, despido, e nu de todo o caduco: Aqui se absorve todo o discurso. Porque não diz: Meu Senhor, o que quero he a vossa gloria, a vossa vista; senão, padecer he o que quero, e ser desprezado por vós? Na gloria de Deos hum summo bem

se chega a gozar, mas ja se não póde a mais passar; porque se não póde mais merecer: padecendo, e sendo desprezado, merece-se mais a Cruz. Mostrar o nosso Santo que a troco de amar, e mais amar, queria padecer e mais padecer a Cruz do desprezo, e a Cruz da pena, foy para que com o seu nome concordasse a sua vida, no gosto de ter nella Cruz dobrada.

75 Parece que pelo nosso Santo o está agora dizendo David: *Virga tua, & baculus tuus ipsa me consolata sunt.* Senhor, a vossa vara, e o vosso baculo são toda a minha consolação, o allivio do meu desejo, e o gosto de minha vida. Que vara, e que baculo he este do Senhor; com que dá a seus servos tanta consolação? S. Zeno com propriedade o diz: *Virga cum baculo designare crucem.* A vara significa Cruz, e o baculo Cruz tambem. São logo aqui duas Cruzes? Quem o duvida? Pois esta he a petição de S. Joaõ da Cruz, hum Cruz, e outra Cruz: se

Pfal.
22.

hum

huma cruz de padecer por Deos trabalhos, outra Cruz de soffrer por Deos desprezos. Por isso tomou o cognome de Cruz, para concordar a sua vida com o gofio, que tinha de ter nella Cruz dobrada: *Virga tua, & baculus tuus ipsa me consolata sunt: Virga cum baculo designare Crucem.* E este foy hum dos mayores extremos, que, a meu ver, fez este Santo: como se não bastarão cilicios sobre cilicios, penitencias sobre penitencias, pede agora Cruz, e mais Cruz; pede Cruz dobrada, mostrando que a sua gloria era padecer muito por Deos. Não só queria a Cruz no corpo, por seus asperos exercicios; queria tambem a Cruz no espirito, por desamparo, e desprezo. E isto foy chegar ao cume da perfeição; orque quanto cada hum tem mais de perfeito, tanto tem mais de crucificado; porque tanto he mayor a perfeição, a que se chega, quantas são mais as Cruzes, em que se fica.

76 Quanto hum espirito mais no padecer se aper-

feiçoa, tanto mais a Deos se chega; e por estarem os Serafins no throno a Deos mais chegados, todos lhes daõ o timbre de espiritos mais perfeitos. Izaias os vio sobre o throno de Deos com seis azas cada hum: *Sera-^{Ifai.}phim stabant super illud, 6. sex alæ uni, sex alæ alteri.* Notavel maravilha! N'um espirito Angelico tantas azas? Se he por obedecerem ligeiros aos Divinos mandatos, com duas azas são muy velozes os Anjos: *Ite Angeli veloces.* Logo para q̄ tão tantas azas nestes Seraficos espiritos? Não bastava terem duas, ou quatro, para com ligeireza voarem aos acenos da vontade divina a que assistem? Não; porque aqui computaõ-se os mysterios, como as representações. Representava-se neste throno a Magestade divina em Deos Trino, e Uno, conforme as acclamaçoens dos Espiritos Seraficos: *Sāctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus exercituum*, onde as tres Divinas Pelloas tinhaõ Cruzes por insignias; porque diz Ruperto que a Cruz

Cruz he Reino do Pay, Ceptro do Filho, e Sello do Espirito Santo: *Cruz Regnum Patris. Ceptrum Filii, Sigillum Spiritus Sancti.* Reino do Pay, porque o Filho lhe ganhou a Monarchia da Igreja pela Cruz: Ceptro do Filho, porque a Cruz declarou ao Filho, em quanto homem, Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, Sello do Espirito Santo, porque o Espirito Santo não só com a Cruz pôs sello á nossa Redempção, mas tambem aos predestinados lha põem por final. E com esta representação de insignias se representavaõ no throno crucificadas as tres Divinas Pessoas. Quanto mais, que diz S. Bernardo, q̄ neste throno se via crucificado o Filho: *Vidi Dominum, id est, vidi Filium sub Patre in Cruce pendentem.* Ou tambem, como o vio o Evangelista mimoso neste throno Sacramentado: *Vidi in Throno Agnum stantem tanquam occisum.* Porque o vio Cordeiro com realidades de vivo, e apparencias de morto; pois até a Cruz de sua Pai-

xaõ se representa naquelle Sacramento: *Recolitur memoria passionis ejus.* E como haviaõ estas representações neste throno, de que o amor dos Serafins por imitacão se vestia, mais que qualquer outro espirito Angelico; não duas, nem quatro, mas sim seis azas haõ de ter os Serafins, para formar cada hũ em si tres Cruzes, diz o Doutissimo Alapide: *Dispositio alarum extrina Cruce constabat,* que como

Alap.

saõ espiritos, q̄ no fogo do amor de Deos mais ardem, haõ de formar dessas azas tres Cruzes, para que nellas a si se crucifiquem, quando com ellas a Deos mais voem, e mais a Deos se cheguem; disse S. Bernardo: *Quo enim Seraphim volant, nisi in eum, cujus ardent amore.* Que esta he a mayor perfeição, a que os Espiritos Seraficos sobem, ter cada hum mais de perfeito, quanto tiver mais de crucificado; porque quantas saõ mais as cruces; em que cada hum se crucifica, tanto he mayor a mayor perfeição a que se chega: *Seraphim stabant*

su-

super illud, sex alæ uni, sex alæ alteri: dispositio alarum &c.

77 S. João da Cruz em tantas Cruzes crucificado, como Serafim humano, bem pôde voar com tantas azas a ser Serafim do throno; porq̃ o Senhor lhe fez a vontade, e lhe despachou a petição das Cruzes, que lhe pediu; permittindo, para seu merecimẽto, além do aspero tratamento, q̃ dava a seu corpo, com grandes diciplinas, e largas penitencias, que fosse desprezado, calumniado, e perseguido das creaturas. Os agravos, que lhe faziaõ, os tinha por beneficios; e só se mortificava de que criminallem a quem o affligia. Alguns Capitulares, vendo-o desprezado, o tratavaõ como criminoso; que isto de dobrar vituperios aos bons, não deixa de ser propriedade dos máos. Hum, que do Santo Padre tinha sido subdito, a quem caritativamente moderou em alguns excessos, se houve com o Santo immoderadamente, sendo Prelado; porque em lugar de remu-

neraçãõ, tomou vingança, dizendo-lhe em huma practica muitas injurias, como se Deos lhe déra o poder para se vingar: e o Santo as soffreo com tanto silencio, e humildade, que ainda que sãõ obrava por não faltar á propria virtude, deixou bem conhecida a insolencia da alheia soberania. Hũ dezalhado, porque o Santo convertera a Deos huma mulher, com quem andava em culpa mortal, lhe deo muitas pancadas, e o Santo pagou esta affronta com encõmen- dar muito a Deos a quem taõ mal o tratou, deleitando-se tanto nas affrontas com que o tratavaõ, q̃ as tinha por grandes benevolencias, que lhe faziaõ; estimando tanto os desprezos, porque amava muito a Cruz, e o padecer por seu Deos.

78 E não contente este Santo com a Cruz de seus propios rigores, nem com a Cruz do desprezo dos homens, quiz tambem a Cruz de huma penosa enfermidade, cheya de mil Cruzes de dores, e dilatada por tres mezes. Principiou esta por

in-

inflammacão de huma per-
na, que os Medicos julgáram
ser erysipéla ; mas correndo
ao pé os humores , se fistu-
lou, rebentando por cinco
bocas , que formavaõ huma
Cruz em cinco chagas. Oh
maravilha rara ! Nenhuma
Cruz, nenhuma pena, nenhu-
ma afflicção em quem sem-
pre se deleyta em seus vicios,
em quem cada instante cõ-
mette peccados; e tãtas Cru-
zes em hũ corpo innocente,
em hum varaõ taõ justo , e
taõ Santo ? Sim ; que este
Servo de Deos esperava por
seu Senhor , como quando
vem das bodas: *Et vos simi-
les hominibus expectanti-
bus Dominum suum, quando
revertatur à nuptijs.* As bo-
das , de que o Senhor vem ,
saõ as dores da sua Cruz ,
com quem se despozou, diz
o meu Lyra, e outros: *Chri-
stus desponsavit se Crucis
doloribus, ex quibus genuit
nostram salutem.* Despozou-
se Christo com as dores da
Cruz , de que gerou nossa
salvação. E como Christo
tomou a Cruz por esposa, e
o nosso Santo o havia de es-
perar como quãdo vem des-

tas suas bodas , esperava-o
com toda a similhaça, cru-
cificado em tantas penas,
por naõ faltar á obrigaçãõ
de grangear com ellas a me-
lhor vida.

79 Já poderá ser que por
similhante esperar , faça nes-
ta festa aquelle Divino Sa-
cramento , naõ acaso , mas
de proposito , a sua assisten-
cia ; porque aquelle Senhor
alli muyto com a Cruz se
desposa , que como he paõ
da melhor vida : *Qui man-
ducat hunc panem , vivet in
æternum* , e dos desposorios
da Cruz gerou nossa salva-
ção : *Ex quibus genuit nos-
tram salutem* ; quiz que a-
quelle Sacramento para o
mesmo effeyto tambem ce-
lebrasse bodas com a Cruz ,
para mais certificar essa vi-
da com os fogosos desposo-
rios de feu amor. Em pro-
prios termos o diz Jeremias:
*Mittamus lignum in panem
ejus* , lancemos hum pão no
feu pão. Notavel mescla !
Pão no pão , e pão com
pão ? Para que ? Dá a enten-
der Santo Izidoro , que para
se despozar huma cousa cõ
outra ; porque entende por
esse

esse pão a Cruz com q̄ Christo se despozou: *Desponsavit se Crucis doloribus*. E a Christo Sacramentado pelo pão: *Ego sum panis*. Divinamente aqui o Santo Doutor: *Lignum in pane esse, fides nostra Crucem agnoscit in corpore, quia vita corporis sui panis est*. O estar neste pão o pão, he o mesmo q̄ a nossa fé conhece, esta o corpo de Christo na Cruz crucificado; porq̄ a vida do seu corpo he pão do Sacramento. E se he proprio do Espofo ser a mesma cousa com a Esposa: *Erunt duo in carne una*, se para nossa salvaçãõ tomou Christo a Cruz por Esposa; tambem naquelle Pão sacramentado cõ elle se despozou para nossa melhor vida: e se por esta razãõ he a mesma cousa Cruz de Christo; tambem pela mesma o fica sendo Cruz, e Sacramento: *Mittamus lignum in panem ejus: Lignum in pane esse, fides nostra agnoscit Crucem in corpore, quia vita corporis sui panis est*.

80 Espera S. Joãõ da Cruz por seu Senhor, como quando vem destas bodas, e

prevenio-se com a similhança de tantas Cruzes por se segurar na melhor vida, grangeada no padecer por seu Deos tantas penas: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum, quando revertatur à nuptijs*. Naquelles descontentamentos da vida, que tanto a vaidade ama; naquelle desprezo do mundo, quanto a ignorancia estima; e nos deliquios da enfermidade penosa, de que a natureza muyto se enfada, estava o Santo com tudo taõ contente, e com as dores taõ alegre, que até os allivios licitos engeytava, porque só a Deos queria. Quizerãõ os Religiosos trazer huns musicos, para o divertirem na enfermidade. Naõ consentio este allivio, porque resistio dizendo: *Nõ es licito mesclar con los regalos de Dios otros del mundo*. Quaes eraõ os regalos, que Deos lhe dava, se naõ as muytas dores, que na enfermidade padecia, como quem tinha aprendido da Gloriosa Santa Thereza: *O padecer, ó morir*. Oh quanto padeceo o nosso Santo! Espalhou-se

palhou-se o humor por todo o corpo, enchendo-o todo de empolas, que o consumiaõ vivo, e o alleviavaõ mortificado, corrompendo-se a carne do que era incorrupto nas virtudes; que como em tudo desejava imitar a Christo na vida, lhe concedeo o Senhor naõ ter parte saã de de os pés até á cabeça, e para lhe tirarem o corrupto, foy o remedio martyrio; porque foy necessario que pela carne saã cortasse o ferro. A materia era taõ copiosa, que que enchia porçolanas, naõ só de bom goito, como alguns se enganáraõ, cuidando era outra cousa; senaõ tambem de muyto bom cheyro, como testimunhaõ naõ só os que assistiaõ, como quem lhe lavava os pannos, cujas maõs por muyto espaço ficavaõ recendendo. Oh mais que grande admiracão! Mas que muyto, se era materia das feridas de hum taõ grande amigo de Deos! E o que sahe das feridas de hum grande amigo de Deos, quando a elle o trataõ mal, entaõ cheyraõ ellas mais bem.

81 Amiga sua chama

Deos á alma santa, por ser como o lirio entre espinhas:

Amica mea sicut liliu in- Cant. 2.
ter spinas. Que huma alma

amiga de Deos seja como lirio entre flores brandas, naõ me admirára eu; porque assim o pede a preciosidade, a delicadeza, e o mimo dessa flor: mas entre espinhas asperas, e escabrozãs? Naõ parece se accomoda bem, porque naõ está livre de ser picada, e ferida, como communmente lhe succede, com qualquer vento, que se move, sem que por isso se queyxe, diz hum Doutor:

Spinæ pungunt liliu, & non murmurat. Porèm diz o mesmo Padre, que quanto mais as espinhas enchem o lirio de feridas, e chagas, tanto mais respira fragranças; quanto mais chagada, tanto mais cheyra a materia, que sahe dessas feridas: *Sed quanto magis pungunt, tanto magis eis odorem suum effundit* Logo bem compara

Deos sua aimiga a alma santa ao lirio entre espinhas: *Amica mea sicut liliu inter spinas*; porque se estas a ferem, he para que sua mate-

ria

ria mais cheyre, e entã
 mais cheyrofa, quanto mais
 ferida; porque a materia
 das feridas dos amigos de
 Deos entã cheyra tanto
 mais bem, quanto mais os
 trataõ mal: *Sicut liliu in-
 ter spinas: quia quantò ma-
 gis pungunt, tantò magis
 &c.*

82 Era muy cheyrofa a
 materia das chagas do noſſo
 Santo, porque Deos o tinha
 por ſeu muyto amigo; e co-
 mo deſejava ſó padecer por
 ſeu Deos, cumpria-lhe os
 deſejos, com lhe ſobrevirem
 cada dia novas inflammaço-
 ens, que apoſtemadas pade-
 cia novos tormentos de ſe
 lhe cortar a carne até appa-
 recerem os oſſos; porque ſe
 na ſaude deſafiava os traba-
 lhos, na enfermidade valoro-
 ſamente contendia com os
 martyrios, ſoffrendo as do-
 res com tanta conſtancia,
 que todos ſe admiráraõ de
 ſe lhe dilatar tanto a vida na
 enfermidade de tres mezes
 taõ penoſa. Eſta doutrina
 admittem pouco os que ſe-
 guem as maximas do mun-
 do, e tomaõ ſó o pullo ás
 virtudes pelas regras de ſeu

amor proprio, crendo que
 o penar a febres do divino
 amor, e a rigores de peni-
 tencias, acaba a vida mais
 depreſſa. Maniſteſto enga-
 no de tal pensamento! Por-
 que quem pelos divinos a-
 mores padece, mais vive, e
 os tormentos da Cruz, que
 padecem os amigos de Deos,
 lhe conſervaõ os alentos vi-
 taes com mais vigor. No eſ-
 pelho da experiencia ſe vê,
 que peſſoas enfermas vivem
 entre habituaes achaques
 largos annos; e outras, que
 lograõ cabal ſaude, viverem
 pouco; que como os rega-
 los eſtragaõ a ſaude, mais
 depreſſa morre quem vive
 em deleytes. A Roſa na brã-
 da terra, mais bem regada,
 mais brevemente ſe murcha,
 quando no inculto boſque
 de agreſtes ſylvas mais freſ-
 ca ſe conſerva. Aſſim a Cruz
 de padecer por amor, mais
 vigóra a vida no penar.

83 Tres horas havia,
 que Chriſto na Cruz eſtava
 pregado, quando acabou a
 vida á força dos mais crueis
 tormentos, Chega a Pila-
 tos o Santo Joſeph de Ari-
 mathéa pedir o corpo do Se-
 nhor

Marc.
15.

nhor para lhe dar sepultura; e o tyranno muyto admirado de ser já morto, lhe não dava credito sem primeiro se certificar do Centurio: *Pilatus autem mirabatur si jam obiisset! Et accersito Centurione, interrogavit si jam mortuus esset.* Não dá pouco que cuidar ver em Pilatos tanta admiração de já Christo morrer: *Mirabatur si jam obiisset.* Se elle o condenou á morte de tantos tormentos, como se admira de ser com tantos tormentos já morto? Não vio este barbaro insolente ao Senhor diante de si prezo com cordas, arrastado da infernal furia, ferido com bofetadas, injuriado com innumeraveis desprezos, e ignominias, que só podia ser admiração o viver ainda com tanta paciencia, e não morrer antes com tanta affronta? Não mandou este Juiz injusto dar-lhe depois passante de cinco mil quinhentos e tantos açoutes por crueis ministros, que lhe rasgaram as carnes até apparecerem os ossos, chegando o innocentissimo Cordeyro tres vezes

ao transito da morte neste martyrio? Não vio sua sacrosanta Cabeça traspassada com a coroa de settenta e duas espinhas, de que a rios corria o sangue por settenta e duas bocas? Não o entregou á vontade dos judeos, com sentença de morte de Cruz? Não soube que com o grande pezo desta ás costas caminhou pelas ruas este Divino Izaac até o monte do Sacrificio? Não teve noticia como o pregaram nella de pés, e mãos com tres cravos, e o arvoraram entre o Ceo, e a terra com a mayor tyrannia? Pois se tudo isto a Pilatos foy notorio, de q̄ se admira este tyranno? *Pilatus autem mirabatur.*

84 Sabem de que? De Christo não morrer nos tormentos, que padeceo antes de ser crucificado. Viver depois de huma noyte inteiramente na tormenta das crueldades de infernaes sayões, e injurias dos diabolicos tribunales; viver depois da furia dos ministros rasgar todo o seu corpo, á força de tantos mil açoutes; viver com a cabeça traspassada, e

todo affogado em fangue ; viver na jornada da Cruz ás costas , em que desfallecido das forças cahio tres vezes ; viver pregado na Cruz com tanta crueldade , e finalmente viver na Cruz de tantos martyrios , como forte rocha no mar de sua payxaõ ; e que a tanto augmento de penar lhe aturava a vida com alentos de viver, ouvindo dizer que Christo era morto, causou em Pilatos grande admiracão ; porque se admirou que Christo taõ depressa morresse , quando esperava que mais tarde acabasse, por considerá-lo homem Divino ; em quem se vigoravaõ mais os alentos da vida , quanto mais lhe cresciaõ os tormentos da morte ; como aqui diz Euthimio : *Pilatus sperabat Christum tarde moriturum, tamquam divinum quendam hominem , qui ceteros excederet.* Porque se vigora mais a vida no penar , em quem por amor se abraça com a Cruz do padecer : *Pilatus autem mirabatur si jam obisset.*

Euthimio.

85 Nas delicias do mundo

do se destroe mais o calor natural com os regálos , nas mortificaçoens do padecer mais se conservaõ os vitaes alentos ; porque nesta Cruz mais se padece , e menos se come , para que o calor se não estrague : e onde o calor se gasta menos , ahi os alentos da vida duraõ mais. Se no entendimento dos Catholicos entrára esta doutrina, abraçaraõ a Cruz dos rigores do padecer com mais fervor, para mais viverem com tormentos de mortificaçoens , e penitencias , sem darem ouvidos á fallacia mundana , que a seus amadores ensina mitigar as mortificaçoens , suspender as disciplinas , desterrar os enfados das vigalias , temperar as abstinencias , e ainda desculpar as impacencias nas enfermidades ; porque do mais se segue abbreviar a vida , e diminuir a faude : e Deos não quer que o peccador por suas mãos morra , senão que viva. Não he dos Ceos esta , e só parece ser aquella do inferno , que os sensuaes , e regaloens ensinão aos que se accõmodaõ aos

126
6.

aos gostos, e deleytes do mundo: supposto he certo o não querer Deos que ninguém se mate, tambem he verdade o querer que os homens se mortifiquem; porque a experiencia mostra viver menos os que se regalaõ, e durar mais os que se mortificaõ; e quem se abraça com esta Cruz, até nas enfermidades sustenta a vida com mais duraçaõ.

86 O nosso Glorioso Santo em toda a sua vida andou abraçado com Cruz, e mais Cruz, e na enfermidade se abraçou com Cruz sobre Cruzes; qual serafim humano, á imitação dos supremos espiritos dos incendios seraficos, que na fórma de tantas Cruzes alentavaõ a vida por eternidade: *Seraphim stabant, sex alæ uni, sex alæ alteri: dispositio alarum ex trina Cruce constabat.* Com grande fortaleza, e animo estava S. João da Cruz na cama, e sendo taõ grave a doença, q̃ em breves dias se lhe fez todo o corpo em huma viva chaga, de q̃ todos julgavaõ se lhe acabaria a vida por instantes, en-

taõ viveo elle neste tormento tres mezes, padecendo com taõ soffrida paciencia os prolongados martyrios de suas dores, que compadecido já Deos de tanto penar por seu amor, lhe quiz dar o premio de suas virtudes, prevenindo-o com a noticia do dia, e hora de sua morte. Oh qual foy o contentamento, que esta noticia deo ao nosso Santo! Não cabia em si de prazer, nem o sabia dissimular, por cumprir já a vôtade de seu Deos. Reparavaõ nisto os circunstantes muyto, quando elle perguntava quantos dias faltavaõ ainda para chegar o do seu transito? E porque conhecia faziaõ reparo no que perguntava, o equivocava com pretextos de devoçaõ: querendo occultar com palavras, o que manifestava com jubilos de alegrias. Assim sabedor do dia, e hora do seu transito, pôs vida, e morte nas mãos de Deos, e se preparou com os Sacramentos, principalmente com o da Comunhaõ, que devotamente com frequencia recebia, como amo-

res da sua alma; porque esperava a seu Deos, não só á similhaça de homens, que esperão a seu Senhor; mas tambem á similhaça do mesmo Senhor, que esperão estes homens.

87. *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum antequam patiar*, disse o Senhor a seus Discipulos, estando já sentado á mesa da sua ultima cea, para instruir aquella soberana iguaria; como se dissera: Faço-vos a saber, queridos Discipulos meus, que tem sido tão grandes os meus desejos de chegar a esta Paschoa, e comer com vosco antes que padeça, que, de chegar já este termo, estou todo regozijado; não cabe em mim de prazer o meu espirito, nem posso ter mayor alegria. Assim ponderou este passo S. Lourenço Justiniano: *Proximus erat passioni*, diz o Santo, *mirares! Noverat quantas perferre contumelias, & tamen ex hilaritate cordis se noluit continere, quin desideriorum suorum estus exprimeret. Præter usitatum, & na-*

turæ ordinem est, ut homo morti vicinus exultet. Maravilha he estar Christo chegado á sua payxaõ, sabendo as affrontas, que ha de padecer, e entre estas ancias negar se ao sentimento, sem poder dissimular as alegrias, q̄ sente na sua alma, nem refrigerar os tão fogosos, como alegres desejos, que o seu coração goza. Oh caso nunca ouvido, e proceder dezusado, fóra da ordem da natureza, que hum homem visinho á morte, lhe solemnize as vespersas tão alegre! Que he isto, amante Esposo das almas? Que extremos são estes? Quando estais para morrer entre affrontas, então vos manifestais com jubilos de alegrias? Sim, diria o Senhor, que estes são os gostos de meus desejos cumpridos: *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum.* Ainda que tenha a morte com tantas penas visinhas, *antequam patiar*, não me lembraõ suas ancias, por lhes excederem as alegrias da minha alma: *Ex hilaritate cordis se noluit continere, quin desideriorum suorum*

Luc.
22.

Jul.
sin.
lib. de
Tri-
umph.
Christi.
ag.
c. 2.

Luc.
22.

suorum estus exprimeret; pois chego aqui a communi-
car-me já aos homens Sacra-
mentado, para ficarem com
esta communicacão no lugar
de meus amigos, quando an-
tes por sua condiçãõ eraõ
servos; disse Ruperto: *Con-*
ditione sui sunt servi, Dig-
natione Christi vocantur,
& sunt amici. Como Chris-
to tinha dito: *Fam non di-*
cam vos servos, vos autem
dixi amicos. E se o amigo he
outro eu: *Amicus est alter e-*
go, o mesmo que eu ficãõ
os homens nesta cõmunica-
çãõ: *In me manet, & ego*
in illo. E quem assim ficar,
já naõ me espera á similhan-
ça de homens, que esperaõ
a seu Senhor; mas muyto me-
lhor á similhança de mim
mesmo, a quem esperaõ estes
homens: *In me manet, &*
ego in illo :: Et vos similes
hominibus expectantibus
Dominum suum &c.

88 Sabendo S. Joaõ da
Cruz o dia, e hora do seu
transito se preparou, com ju-
bilos de alegria, com os
Sacramentos, negando-se ao
sentimento das ancias, e
alegrando-se muyto de sa-

ber o termo de sua temporal
vida; porque em tudo regu-
lava a sua vida, pela imita-
çãõ do Esposo da sua alma,
Quando Christo instituiu
aquelle Sacramento, diz o
mimoso Evangelista que
soube o Senhor ser chegada
a sua hora: *Sciens Jesus*
quia venit hora ejus. O tem-
po, que Christo viveo naõ
incluiu muytas horas? Naõ
ha duvida. Estas naõ foraõ
de Christo todas? Sim foraõ.
Logo que hora he esta, que
Christo sabe ser chegada co-
mo sua: *Hora ejus?* O mes-
mo Evangelista declarou ser
a hora de lua morte, e do seu
transito: *Ut transeat ex hoc*
mundo. E entãõ instituiu a-
quelle Sacramento, que he
paõ de vida: *Panis, quem*
ego dabo, caro mea est pro
mundi vita; porque sabendo
chegava a hora da morte, q̃
havia de passar como ho-
mem: *Sciens quia venit ho-*
ra ejus, ut transeat, ahi en-
taõ prepara aos homens a
melhor vida, que havia dar
como Deos: *Panis, quem*
ego dabo, caro mea est &c.

89 Fez Deos ao nosso
Santo sabedor da hora do

Joanẽ
13.

Joan.
6.

seu transito, quiz reformar a melhor vida com os Sacramentos: *Qui manducat hunc panem, vivet in eternum.*

Assim finalmente desoccupado de tudo, e reduzido a si mesmo, se preparou para o ultimo transe, com taõ catholica resignação, que ainda intimamente desejava padecer o mais exquisito tormento, como o Senhor lhe concedeo, poñdo-o em taõ sensível desamparo interior, que foy extraordinario martyrio, para o Santo mais sentir; porque deyxada a natureza a este sentimento, (supposto sempre com a protecção do divino amparo) padecia este tormento quasi sem consolação. E porq̃ o nosso Redemptor estando na Cruz assim do seu desamparo a Deos se queyxára, quando na parte inferior da sua alma padecia esta angustia: *Deus meus ut quid dereliquisti me?* quiz tambem que este bemaventurado Santo na hora do seu transito sentisse similitude de desamparo; porque se tanto á sua imitação o favorecia, quiz tambem dar-lhe este desam-

Mat.
th. 27.

paro á sua similitude.

90. Em huma sexta fey-ra, sette de Dezembro, perguntou o Santo que dia, e hora era? E dizendo-se-lhe que era sexta feyra, e huma hora depois do meyo dia: declarou, que por gloria, e honra de Deos havia de ir cantar Matinas aquella noyte aos Ceos. E já transportado com o logro da eternidade, como seguro da Divina Misericordia, não dissimulava a noticia, que tinha da sua hora, recolhendo-se mais em si, por melhor estar mais com seu Senhor: de quando em quando abria os olhos para hum Christo crucificado, crucificando-os na morte, como os mortificava na vida; ou porque se na vida sempre no coração teve a Christo crucificado, agora na morte o mesmo Christo lhe levava os olhos. Assim passou até perto da meya noyte dando em todas as acçoens mostras de sua alegre conformidade; e dizendo-se-lhe que em hum Convento tangiaõ já a Matinas, affirmou que, pela bondade de Deos, elle as hia cantar aos

aos Ceos com a Virgem N. Senhora, a quem dava muytas graças pelo favor, que lhe fazia, de querer que em Sabbatho fosse o dia, e hora, em que passasse desta vida a gozar da eterna, no dia da sua Conceyção immaculada.

91 Indo já chegando-se a meya noyte, pediu lhe chamassem a Cômunidade, que logo chegou com vélas accezas nas mãos, e lhe fizeram a recômmendação d'alma com muytas mais oraçoens, a que o Santo ajudava, e repetia com suavissimas ternuras. Largou o Christo, que tinha nas mãos, a hum secular muyto seu devoto que lhe assistia, e mettendo as mãos por bayxo das roupas, com muyto socego compôs o seu corpo; depois tomou outra vez o Christo, em quem empregou, sem se divertir, os olhos, admirando-se todos de verem suas acçoens com tanto socego; neste o cercou repentinamente hũ globo de luz taõ resplandecente, que ficavaõ a perder de vista todas as luzes das vélas, que nas mãos dos Religiosos ardiaõ accezas, cer-

cando ao Santo este resplendor a modo de Sol, em que ardia este abrazado Serafim, todo trãsfornado em Deos, qual divino Feniz, para renascer á melhor vida dos incendios de seu amor. Deo a meya noyte, tangeraõ a Martinas, e disse S. Joã da Cruz chegava a hora de as ir cantar ao Ceo. Olhou amorosamente para todos os circunstantes, como despedindo-se delles, e chegando a boca aos pés de Christo crucificado, cerrou os olhos sem agonia da morte, com notavel compostura do corpo, e admiravel socego d'alma: na mesma hora, que tinha predito, que foy amanhecendo para o Sabbatho, entregou suavemente o espirito ao Senhor repetindo as palavras: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum.* Oh morte taõ ditosa, como bemaventurada! Mas que muyto tivesse este Santo na morte a similhaça do Exemplar, q' imitou toda a sua vida; se em sua vida andou sempre crucificado cõ Christo, e na sua morte entrega a alma nas

mãos de Christo crucifica-
 do; porque não ha morte
 mais ditosa, que morrer com
 Deos nos braços, e entre-
 gue a alma nos braços de
 Deos. *92* No Sacramento reco-
 pilou Christo todas as ma-
 ravilhas de sua vida, confor-
 me o q̄ diz David: *Memoriã
 fecit mirabilium suorum*; e
 quando o pôs por effeyto,
 entã vejo que duas vezes
 morre Christo, hũa no Sacra-
 mẽto, outra crucificado: cru-
 cificado realmente morreo
 na Cruz, Sacramentado mor-
 reo na representação; mas
 de ambas estas vezes nas
 mãos de Deos he que morre:
 no Sacramento em suas pro-
 prias mãos: *In Sanctas, ac
 venerabiles manus suas*; na
 Cruz, não parece que mor-
 reo tanto nos braços da mes-
 ma Cruz, como nos braços
 de seu Eterno Pay, a quem
 entregou a alma ao espirar:
*Pater, in manus tuas com-
 mendo spiritum meum*. Pois
 morre por representação no
 Sacramento, e em suas pro-
 prias mãos se representa
 morto: *Recolitur memoria
 passionis ejus*. Na Cruz mor-

re na realidade, e nas mãos
 do Pay se entrega quando
 morre: *Commendo spiritum
 meum: expiravit*? Sim, que
 era Christo o Santo dos San-
 tos, e mostrou nisto ter
 vivido a mais santa vida, pa-
 ra ter a mais ditosa morte,
 morrendo em suas proprias
 mãos, e morrendo nos bra-
 ços do Eterno Pay; porque
 não ha morte mais ditosa,
 que morrer com Deos nos
 braços: *In Sanctas, ac vene-
 rables manus suas*, e entre-
 gar a alma nos braços de
 Deos: *In manus tuas com-
 mendo spiritum meum*. Com
 Deos nos braços acabou o
 nosso Santo a vida, e nas
 mãos de Deos entregou a
 alma; para mostrar que de
 sua vida tão santa lhe re-
 sultou morte tão ditosa; que
 este he o fim, a que tira quem
 he Santo de marca mayor,
 ser na vida, e na morte to-
 do semelhante ao seu Exem-
 plar: porque se em quanto
 viveo tinha nas mãos de
 Deos toda a sua vida; quan-
 do chega o seu fim, tambem
 nas mãos de Deos ha de pôr
 toda a sua alma; *In manus
 tuas Domine &c.* Oh pala-
 vras

vras mais divinas, que humanas! mais acreditadoras de Divindade, do que parecem de quem he homem!

93 Vem cá, Centuriaõ, que ao espirar Christo na Cruz com huma grande voz disseste que verdadeyramente era Filho de Deos: *Videns autem Centurio quòd sic clamans expirasset, ait; Verè filius Dei erat iste.* Dize-me, q̃ luz chegou a teu entendimento para fazeres esta confissão ao espirar Christo? Naõ o viste antes fãrar enfermos, reuscular mortos, imperar demonios, curar endemoninhados fazer milagres sem conto, obrar prodigios sem numero? Assim foy. Pois se de obras taõ divinas naõ formaste entaõ conhecimento de sua divindade, como a confessas agora quando morre? E te havemos de assentar, que as palavras manifestaõ as pessoas; e que assim como cada hum he filho de suas obras, tambem o he de suas palavras: naõ tinha muitas vezes o Centurio ouvido as de Christo? Naõ ha duvida; assim o disse o mes-

mo Senhor, q̃ sempre fallava em publico, practicando cada dia a todos: *Ego palam locutus sum vobis, quotidie docēs in templo.* Logo se tudo era bastante para antes o conhecer por Filho de Deos, como só agora o confessa ao ecco de huma voz, com que espirou? Que voz he essa, que o faz confessar por Filho de Deos agora? Que voz hade ser, tenaõ a que diz S. Lucas, quando nas maõs do Pay entregou a alma: *Pater in manus tuas &c.* A voz dessas ultimas palavras, com que espirou, foy a luz, com que por Filho de Deos o conheceo; porque foy para acreditar mais a Divindade, do que parecia voz de quem he homem: *Videns autem Centurio quòd sic clamans spirasset, ait: Verè Filius Dei erat iste.* S. Joaõ da Cruz morreo cõ as mesmas palavras na boca, com q̃ na Cruz o Filho de Deos espirou: e te estas fizeraõ confessar a Christo Filho de Deos, mais que homem; tambem estas mesmas a S. Joaõ da Cruz o fazem parecer, mais que homem, Filho de

de Deos, ficando sendo por graça o q̄ Christo por natureza: *Verè Filius Dei, &c.*

94 Temos visto como S. João da Cruz foy hum espiritual Regimento, por onde se deve reger quem trata de ser justo, cingindo-se com a negação de tudo o que he vicio; hum resplandecente Roteyro, por onde se deve guiar quem pertende ser Santo, ardendo no amor de Deos, e do proximo, com tudo o que he virtude; e hum celestial debuxo na perfeição Evangelica á imitação de Christo, com que se deve compor para o premio, quem espera na certeza do Summo Bem, que se ha de lograr por toda a eternidade. E como para mayor triunfo de sua sagrada Religião propuzemos aos olhos do mundo este, dos mayores exemplos de mortificações, e virtudes; este, dos mais celestes debuxos da mais alta perfeição, e santidade; e este, dos mais perfeytos retratos imitador de Christo Senhor nosso: Resta agora dizer ao auditorio, que se ouvio, e se ad-

mirou da relação de tão prodigiola vida até o fim com tão ditosa morte; se deseja ter bõa morte, he necessario viver á imitação de tão santa vida. Melhor do que eu neste pulpito o diz S. João Chrysoftomo, com melhor lingua, e mais fervoroso espirito. Quem com religiosa charidade se admira dos merecimentos dos Santos, e falla em suas glorias com frequentes louvores, imite os seus costumes; que he justo, que a quem deleytaõ os meritos de algum São, deve fazer de si a Deos igual obsequio; porque, ou o deve imitar, se o louva; ou deyxer de o louvar, se o não imita: *Quare aut imitari debet, si laudat; aut laudare non debet, si imitari detrectat.*

95 E se quizesse Deos entrasse na consideração dos que vivem, que tambem hão de morrer, e que os exercicios, em que passãõ a vida, serãõ depois eccos das vozes, que se ouviãõ em sua morte! Oh como ajustariaõ agora seus exercicios, para que depois não degenerassem

fem seus eccos! Mortal, de morrer todo esquecido, e só de viver lembrado, que res saber o que depois desta vida te espera? Pois eu te direy como será a tua morte, dizendo-me tu como foy a tua vida. Costuma dizer-se, que a vida dos homens he sonho, ou somno; e eu julgo com mais propriedade, q he somno, ou sonho a morte dos homens, e que a morte he hum ecco de todas as obras da vida; porque communmente do que cada hum obra, disso sonha.

96 Sonharaõ no carcere os copeiros de Faraó: e differaõ os seus sonhos a Joseph para ouvirem os eccos da sua interpretação. Hum ouvio, que dentro de tres dias tornaria á graça do Rey; o outro, q lhe cortariaõ a cabeça, e o poriaõ n'uma cruz. E succedeo com effeito o que soaraõ os eccos. Vistes sonhos mais encontrados que estes? Que bem, e que mal fizeraõ estes copeiros de Faraó, para que a hum succeda mal, e a outro bem? O mesmo texto dos sonhos o dá a entender: por-

que o sonho de hum todo era cheyo do exercicio de suas mãos, com ellas colhia as uvas, com que sonhara, entre ellas as espinha no caliz, que nellas levava á mesa: e como pelas mãos se entende o exercicio das obras, com obras sonhava este copeiro. O sonho do outro foy, ter a cabeça cheia de cestos de pão, empadas, pasteis, e de todas as mais iguarias, que por arte se podiaõ inventar, sem buscar as mãos para seu animo, nem para defenfa de não comerm os passaros, como dizia no seu sonho; e como de obras não tinha exercicio algum, com gostos, e regálos sonhava só, por isso os eccos da interpretação de seus sonhos foraõ accommodados a seus exercicios. Quem sonha com obras, em que se exercitaõ suas mãos, tem por ecco tornar á graça do Rey: *Restituet te in gradum pristinum juxta officium tuum.* Quem sem obras só sonha com os gostos do mundo, e com os regálos da vida tem por ecco morte desgraçada: *Josephus mortem*

tem illi prædixit, auferet Pharaon caput tuum: nam mundi deliciae in somnis apparent voluptatis, & in rei veritate sunt mortes &c. Diz aqui hum Escritor grave: porq̃ sendo o sonho a morte dos homens, e essa morte hum ecco de todas as obras da vida, bem se segue que cõmunmente do que cada hum obra, ditto sonha.

97 Que ha de sonhar o soberbo, senaõ com suas arrogancias, e altivezas? Que ha de sonhar o avaro, senaõ nos tratos dos negocios, que enchem de lucros á sua cobiça? Que ha de sonhar o lascivo, senaõ com as torpezas, que obra, e considera? Que ha de sonhar o glotão, senaõ com comer, e manjares, que appetee a sua gula? Que ha de sonhar o ladraõ, senaõ com as traças, com que rouba, e com as cousas que furta. Finalmente com que haõ de sonhar os viciotos, senaõ com seus proprios vicios? Os máos tratos, os torpes pensamentos, e as pessimas occupaçoẽs, em que te embaraçaste de dia, ellas te in-

quietaõ, te desvelaõ, e te atormentaõ de noite; porque saõ huns eccos os sonhos da noite, das cousas, em que cada hum se exercita de dia, disse Cretense: *Somnus est velut echo vigilie respondens, & video ut plurimum quatis vigilia, talis somnus*; porque assim como o ecco se fórma das palavras repercutidas na concavidade de algum valle, quando ferem seus orizontes, e como Ovidio disse: *Totidemque remisit verba locus, dictoque vale inquit & echo*; assim ao dia corresponde por ecco a noite. Deste mesmo modo he tambem a vida, e a morte, porque he a morte hum ecco da vida.

98 Até o mesmo Christo em sua morte quiz ter dos passos de sua vida hũa similhaça. Quando leváraõ a Christo a crucificar, diz S. Lucas que tambem levaráõ para crucificar com elle outros dous ladroens: *Ducebantur alii duo latrones cum eo, ut interficerentur*. Este relativo *alii duo*, relata a Christo: que isso fazem ao inculpavel as más compa-

nhias

Andr:
Cret:

Ovid.
lib. 3.
Me-
tam.

Luc.
23.

D.
Am
br, l
5. in
Luc
c. 5.

Joa
12.

nhias, perder o crediro por andar entre elles. Se esta sentença he bem aguda no moral, no literal, não se ajusta bem; porque *alii duo* não he relativo só de hum, senão de outros dous, que he numero mayor. Logo não faz relação a Christo, q̄ he hum só. Pois a quem relataõ effoutros dous ladrões: *Alii duo latrones?* Diz São Ambrosio que relataõ a outros dous ladroens, que acompanháraõ a Christo na vida; hum Mattheus onzeneiro, que das onzenas, e uzuras, como bom ladraõ, chamou Christo para o Apostolado, de quem diz o Santo: *Propria derelinquit qui rapiebat aliena*; outro Judas, como máo ladraõ, q̄ sempre teve escondedouros para furtos, diz o Evangelista mimoto: *Quia fur erat, & loculos habens*. Pois para q̄ faibaõ os homens que a morte he hũ ecco correspondente á vida, e a vida diz o que será a morte; veja se Christo morre entre dous ladroens, porque entre dous ladroens viveo. Se dous ladroens o acompanháraõ na vida, tam-

bem dous ladroens o acompanhem na morte; porque o ultimo lance da morte he hum ecco das obras da vida. Agudamente o declara mais S. Joaõ Chrysofostomo: *Unde sequitur, & latrones unum à dextris, & alterum à sinistris, viventibus enim strenue arident propria gesta ad similem mortem*, como se dissera a boca de ouro: Haja em tudo similhaça com propriedade: Se Christo vive entre dous ladroens, e morre entre dous ladroens, sejaõ elles ladroens na vida, e na morte, nem ambos máos, nem ambos bons; senão hũ bom, e outro máo, para que igualmente, como vivia, morra, e claramente se entenda q̄ a morte he hum ecco da vida *Viventibus enim strenue arident propria gesta ad similem mortem*.

99 Se pois, mortaes, haveis de morrer, e a morte ha de ser o ecco do que obrastes na vida; ouvindo as vozes com que S. Joaõ da Cruz taõ santamente morreo, q̄ foraõ eccos de quanto virtuosamente obrou; se
quereis

D. Ambr., lib. 5. in Luc. c. 5.

Joan. 12.

quereis que em vossa morte os eccos vos soem bem, fazez todo o possível por viver á sua imitação. Padre, como póde ser abraçar tão rigorosa vida; negar a vontade propria, mortificar com tanta penitencia? Sabeis como? Com hum remedio bem facil, fazendo da vossa parte com prudencia o que está na vossa mão; que isto he o que Deos quer, como elle mesmo diz a cada hum de nós: *Fili mi, custodi sermones meos, & valesbis.* Meu filho, guarda as minhas palavras, e poderás: *Serva mandata mea, & viues.* Observa meus mandamentos, e viveras: *Et legem meam quasi pupillam oculi tui liga in digitis tuis,* e ata nos teus dedos a minha Ley, como menina de teus olhos. E porque não diz que ate a Ley na mão, assim como diz nos dedos? Dedos, e mão não he tudo hú? Não ha duvida. Logo atando nos dedos a Ley, tambem ficava na mão? Assim he. Mas adverti, diz Dionysio citado por Alapide, que pela mão se entende toda a potencia

das forças; e pelos dedos a prudente discricião dellas: *Sicut enim in manu vis operativa, ita in digitis vis discretiva mysticè designatur;* porque os dedos são humas distincções da mão destinadas a varios usos, e officios, conforme a occasião pedir; dando-nos a entender que na imitação dos Santos em serviço de Deos, não ha de ser obrar por justo com impulso de toda a força, senão com discricião, segundo a possibilidade, e estado das pessoas. Por isso diz que atemos a Ley nos dedos da mão; porque fazendo cada hum da sua parte o possível, que está na sua mão, isso he o que Deos quer de cada hum de nós: *Liga legem meam &c.*

100 Não desfaz esta doutrina a fervorosa imitação dos Santos, antes deste modo mais se ajuda a quem quer ser perfeito, e subir a alto estado; pois os Santos tambem assim obraão, porque tambem assim subiraão: *De virtute in virtutem.* E quem quizer á perfeição subir, ha de ser de degrao

gráo em degráo, sem affroxar no fervor, mas sim obrar com discrição, seguindo o conselho, que deo Santa Igznez apparecendo a Sãta Brizida: Filha adverte muito em seres fmpre igual, e estavel; naõ retrocedas, nem vas adiante mais do q̄ conuem: naõ debes affligir-te sobre o que pódem tuas forças, nem imitar os outros no que excedé a tua natureza &c. Bem dá este conselho a entender, que naõ havemos de transcender nos fervores, nem affroxar nas virtudes, e só pôr no fugir aos vicios toda a potencia das forças, e na imitação dos Santos, conforme o estado, e possibilidade das pessoas, imitando com discrição o exercicio das suas obras; porque se nos deixaraõ exemplo de subirem aos Ceos por degráos, este serve tambem a cada hũ de nós, para ir subindo á sua imitação, e ganharmos, por inimigos dos vicios, o que elles por amigos das virtudes ganháraõ.

IOI Mas oh desgraça dos mortaes, que vendo fa-

zer cada dia festas aos Santos, que na memoria imprimem prodigiosos exemplos de heroicás virtudes, naõ ha quem cê principio a imitar suas virtudes, e quando muito se contentaõ de assistir-ló a seus louvores, pretendendo com isto entrar em devoção com o Santo, rezando lhe alguma breve oração, ou Padre nosso, mostrando que esperamos do alheyo bem o remedio do nosso mal; quando de nos-outros depêde o nosso mal, e o nosso bem, para entrarmos, ou naõ entrarmos nos Ceos: porque se naõ concorrem tambem nossas obras, pouco nos aproveitará essa devoção, ou oração, fiados só na virtude alhea:

Date nobis de oleo vestro, Mat. th. 25;

quia lâpades nostræ extinguuntur. Dá-nos do vosso oleo, porq̄ as nossas alampadas se apagaraõ, disseraõ lá as prudentes as Virgens nescias, quando o Espoto vinha para as celestiaes bodas. Pelo oleo entende São Hilario o fructo das boas obras: *Oleum boni operis fructus est.* E com taroes ac-

S. Hilar.

cezos

cezos deste fructo costuma-
 vaõ nas Virgens receber o
 Divino Espofo nas bodas de
 seus desposorios: para este
 effeito quizerãõ as nescias
 ornar suas almpadas pedin-
 do ás prudentes do que ti-
 nhaõ para as suas; por cuja
 causa ficaraõ as nescias de
 fóra, e o Divino Espofo, en-
 trando com as outras, fechou
 as portas das bodas a estas:
Clausã est janua, nescio vos.
 Como assim? Se todas en-
 traõ na similhaça do Reino
 dos Ceos: *Simile est Reg-
 num Cœlorum decem Virgi-
 nibus*, como o Reino dos
 Ceos recebe a hũas: *Intra-
 verunt*, e se fecha para ou-
 tras: *Clausã est janua?* A ra-
 zaõ he: porque as prudentes
 estavaõ aparelhadas com
 suas proprias obras: *Quæ
 paratæ erant intraverunt
 ad nuptias*; as nescias naõ
 trataraõ dellas: *Nom sump-
 serunt oleum secum*; antes
 pediaõ do q̃ as prudentes ti-
 nhaõ: *Date nobis &c.* Que-
 rendo entrar com meritos
 emprestados, e com luzi-
 mentos alheios, q̃ naõ he no-
 vidade no mundo alcança-
 rem muitos o premio, q̃ naõ

merecem, pelo que merece
 outrem: e como naõ tinhaõ
 comfigo obras proprias,
 pertendiaõ aproveitar-se das
 alheias, *Date nobis &c.*, e
 por isso ficaraõ sem ventura:
Clausã est janua.

102 Dirã alguẽm que a
 Divina Providencia naõ dis-
 pôs as Escripturas Sagradas
 para nossa doutrina, e os
 seus succellos para nossos
 exemplos? Naõ por certo.
 Pois sirva para nosso desen-
 gano o pensamento, para en-
 tender-mos q̃ do nosso bem,
 e do nosso mal depende o
 entrarmos, ou naõ entrar-
 mos nos Ceos; porque pou-
 co nos aproveita esperar do
 bem alheio o remedio do
 nosso mal, fiados só nas vir-
 tudes alheias, sem imitaçaõ
 de nossas obras. Assim se fe-
 chaõ os Ceos, e se abrem
 os infernos para quem se
 descuida de sua propria sal-
 vaçaõ. Lá foy lançado o
 que entrou ao convite das
 bodas do Rey, sem a veste
 nupcial: *Non habens ves-
 tem nuptialem: mittite in
 tenebras exteriores.* Ha tal
 desgraça! Que só por um
 pobre homem ás bodas sem
 de

Mat
 th. 22

decente ornato, tenha taõ tremendo castigo? Homem pouco gente, naõ buscáras hum vestido emprestado, para naõ pareceres taõ mal aos olhos do Rey? Oh que o mesmo fora, se vestido emprestado pedira; porque o homem Rey he Deos, o adorno para se entrar ao convite de suas bodas, que quer em cada hum de nós, he a caridade, diz S. Gregorio; he a graça do Espírito Santo, diz Santo Hilario; e saõ as bõas obras, diz S. Jeronymo. E se o homem naõ tem esse affeyo, e adorno d'alma: *Non habens vestem nuptialem*, pouco lhe a proveyta o ornato, e alhea vestidura, quando tanto se descuyda da salvaçaõ propria: *Mittite eum in tenebras exteriores*.

103 Oh mortal, se te quereis salvar, naõ fies de outrem, senaõ de ti, a tua salvaçaõ. O enfermo, que deseja muyto a sua faude, sujeyta-se aos remedios, que lhe applicaõ os Físicos, ainda que sejaõ violentos: sofre romper nas sangrias as veas, mortifica-se com be-

ber purgas amargosas, abstem-se com todo rigor nas comidas, consente ventozas sarjadas, com outros cruentos martyrios, que á gravidade da doença saõ necessarios; e a todas estas violencias está sujeyto, porque para a sua faude dellas espera o remedio. Pois se a faude do corpo tanto custa; quererá alguem sem custo a faude d'alma? quererá alguem salvar-se sem obras, e sem que alguma diligencia lhe custe? Quererá ir sem virtudes ao Ceo, com seu coração enregelado, sem imitar aos Santos, nem as suas virtudes lhe servirem de exemplo? Sim quererá. Pois como ha de ir, se naõ tem obras de merecimento? Como ha de subir, se naõ levanta hum pé para se pôr a caminho? Como ha de ir? Que se abraõ de lá esses Ceos, e o venhaõ buscar. Oh se isto succedesse a nossos olhos, fora vermos nós os Ceos abertos. Mas ainda assim he o homem taõ pouco para seu proveyto, que naõ quereria ir ao Ceo a custo de hum só passo.

104 Abriraõ-se os Ceos a Jacob n'um campo, em que dormia, comunicando-se á terra huma escada de Anjos, que desciaõ, e subiaõ animando a Jacob subisse a seu exemplo, que tudo foy notorio a Jacob em sonhos: *Vidit in somnis scalam, cujus cacumen cælum tangebatur, Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam, & Dominum innixum scalam.* Venturoso Jacob, que a pedir de boca se te vem o Ceo ás mãos! Pois sóbe Jacob, que a hum passo entras nos Ceos, e a poucos chegas a Deos: *Et Dominum innixum scalam.* O Ceo se te abriu, e te vem buscar por esta escada, que de lá lançou, com Anjos, que te ensinaõ a subir; sóbe, que não pódes ter occasiaõ melhor. Que fazes? Ainda não sobes? Como ha de subir, se dorme? Verdade he que tem Jacob os Ceos abertos, e Anjos, que ensinaõ o caminho; porrem homem, que dorme em seus descuydos, ainda vendo esse exemplo, e diligencia dos Anjos, não que-

Gen.
28.

rerá ir ao Ceo, se lhe ha de custar hum só passo. Por isto ponderou com agudeza S. Bruno o levar Deos em hum carro a Elias, por lhe não sahir bem com Jacob a tramoya da escada: porque se nella hum homem para subir não quiz dar passos; o outro no carro, ainda que não queyra, o ha de arrebatat violento.

105 E se esperará outro tanto quem na sua salvaçaõ vive descuidado? Pois desengane-se, q̄ não está sempre o Ceo para vir abayxo, como a Jacob; nem mandar carros, como a Elias. Se queremos salvar-nos, e ir ao Ceo, ou ha de ser á custa de nossos passos, ou entrar em calor de divinos incendios, sendo alvo de nossos affectos a imitaçaõ das virtudes do nosso Santo na perfeycãõ da sua vida, na mortificaçaõ de suas asperezas, no amor de Deos, e do proximo; no desprezo de si proprio, e do mundo; no soffrimento dos trabalhos, e tormentos; que sem isto parece impossivel haver salvaçaõ. Ah meu Deos! E quem se salva, Senhor

nhor, se agora os cilicios, faõ gallas; os jejuns, regá-los; letargos, os desvélos; rofas, as espinhas; delicias as penitencias, e as virtudes, vicios. E como se ha de salvar quem quando muyto, sem mais obras, se contenta só com huma Missa, que ouve, com hum Rosario, que atropeladamente reza; com huma esmóla, que por vergonha, ou cumprimento dá? Como se ha de salvar quem obedece aos appetites, acceyta as lisonjas, abraça os interesses, e se applica ás ambiçoens? Como se ha de salvar quem tem por habito as murmuraçoens, em que naõ escapa honra, que naõ escureça; vida, que naõ perca; acção, que naõ censure, e respiração, que naõ affogue? Como se ha de salvar a mulher descomposta, vaã, presumida, e deshonesta, provocando com seus trajas profanos aos mais acutelados, brindando aos lascivos com seus olhos, a quem, como se foraõ de bazilisco, mataõ com peyor veneno, armando tantos laços com suas dezenvolturas,

quantas saõ as quedas proprias, e alheas?

106 Ah Senhora, como temo vossa cõdenação! Disse o Veneravel Padre Avila a D. Sandia Carrilho, chegando para se confessar a seus pés, porque chegava taõ formosa, e galeada, como idolo do amor, e deidade da formosura: He possível que assim profanais a belleza, que Deos vos deo! Que lastima taõ grande, disse o Padre, quererdes, que de taõ divinas prendas seja seu dono o demonio! Temey isto muyto, e reformay esses trajas taõ profanos; porque com elles ides direyta aos infernos. Desfeyta em lagrimas a Senhora penitente com esta santa advertencia, prostrada por terra em seu oratorio, cortou os cabellos d'ouro, deyxou as gallas, yestio-se de burel, consumio-se com rigorosas penitencias, desorte que para se salvar lhe foy necessario tanto rigor. Valha nos Deos, fieis? Como naõ se nos estremece a alma! Que cegueyra he a nosla, que taõ facil nos parece a salvação? Pois

vinde commigo: penetremos as solidões das Tebaidas, e as cavernas do Egypto. Aqui ao lento martyrio do jejum se confirmaõ os Paulos, alli se despedaçãõ os Antonios, alli se martyrizãõ os Hilarioens. Que he isto? Tanto custa o salvar? Pois que cuidais? Não vedes alli feyta alma de hum cova a fermosa Tais? Arrastando por cardos, e espinhos seu corpo huma Pelagia? Habitando penhascos nas soledades de Marselha huma Magdalena ja perdoada, affligindo seu corpo a penitencias, bebendo de suas lagrimas, alentando se com o ar de seus suspiros? Que he isto? Tanto custa a salvaçaõ? E ainda a hum Hilarioã tanta aspereza á hora da morte, que depois de oytenta annos de dezerto, temia o condenar-se? E vós outros, vivendo mal, vos affegurais ir ao Ceo? Forãõ todas estas penitencias ociosas? Oh como não forãõ, senão muyto necessarias! Logo sem a sua imitaçaõ no exercicio de boas obras não temos a salvaçaõ

segura. Ah Senhor, tenha já fim a nossa cegueyra, e banhay com vossa Divina luz estas vellas creaturas, para que se reformem, e se desfaçaõ: *Accedite ad eum, & illuminamini.* Desfaçaõ-se nos vicios, e reformem-se nas virtudes, que desta sorte se assegura a salvaçaõ, e o subir ao Ceo, fazendo o que he bem, desfazendo o que he mal, para que ao Santo se imite, e a Deos se agrade.

107 Na formaçaõ do homem disse Deos, consultando as tres Divinas Pessoas, façamos o homem á nossa imagem, e similhaça: *Faciãmus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Não disse façamos o homem similhante a nós outros, senão á nossa imagem, e similhaça: o que suppõem ter já Deos alguma imagem, e similhaça, a cuja imitaçaõ formasse o homem. Ruperto diz, que Deos fez o homem á sua imagem parecendo-se com Deos no racional, e no representá-lo em o Santo, essa era a similhaça; dando-se nisto

nisto a entender, ser o homem como pintura, e imagem, e assim diz Deos: Façamos o homem á nossa imagem, e similhaça. Mas porque ha de ser o homem como imagem, e pintura? Sabeis como? Moralizando com experiencia do que temos visto nos pintores, e imaginarios. Tomaõ estes, para fazer qualquer imagem, entre suas mãos hum madeiro, e lhe vaõ desfazendo o deforme, e o grosso, aperfeiçoando o, e polindo-o com varios instrumentos, até que sahe a imagem, e similhaça de hum Christo, ou de hum Santo. Pois isto mesmo quer Deos façamos em nósoutros: se com os vicios nos fizemos deformes tiçoens para o Inferno, perdendo em nós a imagem, e similhaça de Deos; desfaçamos estes vicios, e reformemos com instrumentos de virtudes o bem, que perdemos; porque este fazer, e desfazer, tudo he apparelhar, e retratar; desfazer do mal, fazer, e compor o bem: desfaça-se o soberbo da soberba, e faça-

se humilde; o luxurioso, casto; o avarento, liberal; o irado, paciente; o glotoão, abstigente; o delicioso, mortificado; o andejo, recolhido &c.; porque assim se vay fazendo nas almas a imagem de Christo, ou a similhaça de algum Santo: que para o homem sero imagem de Christo, e não tiçaõ do inferno; para ser retrato, e escultura de Deos, e não madeiro do demonio; ha de ser desfazendo o homem o que he mal, e fazer o que he bem, na imitaçaõ dos Santos, e no agrado de Deos; porque esta he a voz, que a todos dá o Ceo que fação, para que se salvem, e cheguem ao Senhor, desfeitas as rebeldias da culpa, e as obstinaçoens do peccado, com q̃ muitos querem acompanhar ao inferno os que não trataõ do seu remedio. Com isto nos avizaõ as Escrituras, da parte de Deos nos fallaõ, não desprezem as Divinas misericordias, com que os convida Jesu Christo, taõ ancioso da sua salvaçaõ, que para destruir as soberbas, vaidades

des, e fumaças do mundo; sendo a grandeza infinita, que se abateo á condição de escravo: *Semetipsum exinanivit, formam servi accipiens*, e exercitou tanta humildade, que quiz morrer por nós em huma Cruz, amando-nos com tanto excelso, que deo por nosso refgate o preço infinito de seu Sangue: pois não he bem que, ja que nós redemio com

tanto preço, se perca quem tanto lhe custou: assim chegando todos arrependidos das culpas acharáo com misericordia a graça, com que vivaõ, até que na morte vaõ as almas gozar a eterna gloria. *Ad quam nos perducatur Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

A Domino factum est istud.





SERMAO

NONO.

DO

MANDATO DE CHRISTO.

Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum Ego feci, ita & vos faciatis. Joan. 13.

Iste he o fim do amor Divino, e este o remate, e fim do Evangelho. Este he o fim do vosso amor sem fim, Senhor, ensinar-nos com as finezas do exemplo, o como havemos de satisfazer as obrigaçoens do Mandato. Manda nos Deos que o amemos mais que tudo, e sobre tudo; porque he Deos, e sua bondade infinita. E como se ignorava o modo do seu mayor agrado, neste dia nos ensina com seu exemplo, naõ sómente como ha de ser o amor, se naõ como ha de ser o modo: *Ut quemadmodum Ego feci, ita & vos faciatis.* Do amor nos diz o Sagrado texto, que como amasse o Senhor os seus, que estavaõ no mundo, sem fim os amou: isto quer dizer: *In finem*, segundo os Expositores: *In finem, id est, sine fine, absque termino, sicut in principio*: Sem fim, sem termo,

sem cabo; assim como o principio foy sem principio desde os seculos eternos, como elle mesmo disse: *Charitate perpetua dilexite, & ideo attraxi te.* E a melhor qualidade do amor de Deos para nós, he que seja amor sem cabo, para que o nosso amor de nós para Deos seja tambem extremo sem termo.

2 Todas as cousas creadas tem termo, limite, e fim; só o amor, que devemos ter a Deos, o não deve ter. Os rios tem fim no mar; o mar, na terra; a terra, no ar; o ar, no fogo; o fogo, no primeiro Ceo; o primeiro, no segundo, e assim todos os mais até o Ceo Empyreo: a vida, na morte; a geraçãõ, na corrupçãõ; o dia, na noite; o Sol, no occidente; o Inverno tem fim na Primavera; esta, no Estio; este no Outono; este, no Inverno: só o amor, que devemos ter a Deos, para nos ajustar ao molde do seu Divino exemplo, e á regra do seu suave Mandato, convem que seja Sol sem occasos, taõ sem fim, taõ sem li-

mite, que possa ter fim a vida, mas que não tenha termo a fineza.

3 Do modo nos diz o Santo Evangelho, que feita a Cea Legal, e a commã, se ergueo o Senhor da Mesa, depôs as roupas, e cingio-se com huma toalha, lançou agoa n'uma bacia, e prostrado aos pés de todos, se pôs a lavar-lhes os pés; ensinando-lhes com este lavatorio exterior, antes da Cea Sacramental, quanto se deviaõ purificar as almas no interior lavatorio, primeiro que chegassem á Mesa do Sacramento, que depois desta cerimonia foy instituido, segundo a opiniaõ commã: onde com admiravel modo está todo em toda a parte, e em qualquer parte todo, para unir-se, e communicar-te com todos; porque até despedindo-se, comnosco se quiz ficar, e de tal modo ficou, até quando se foy do mundo, que não foy mais milagroso o amor, do que foy o modo: *Miraculorum ab ipso factorum maximum: quid hoc Sacramento mirabilius?* Não nos obriga

Vede Maldonado.

Santo Thomas.

ga o Senhor a que por seu amor imitemos os milagres, que fez no Sacramento; manda-nos fim que, espiritualmente imitando o seu exemplo, façamos o que nos ensina no modo do lavatorio abatendo-se a tudo.

4 Maravilhoso modo de amor, que de tal modo, por salvar as nossas almas, se abatesse ás creaturas, que o Ceo ficou debaixo da terra! Oh admiravel modo! O mesmo Deos aos pés do demônio; o Filho de Deos aos pés de Judas! Oh maravilhoso modo! Admirava-se David de ver debaixo dos pés de Deos ao Sol: *In sole posuit tabernaculum suum*, e de ver feitos throno de Deos os Querubins: *Qui sedet super Cherubim*; Passava-se o Evangelista de ver a Lua aos pés de huma mulher, figura da Virgem Senhora nossa: *Luna sub pedibus ejus*. Não soffreo hum Anjo do Ceo, que aos pés se lhe lançasse o Evangelista: os Serafins pareceraõ attonitos a Isaias, quando diante da Magestade Divina não puderaõ chegar-lhe aos

pés, sem cobrir decorosamente o rosto: *Et duabus velabant faciem suam*, como lê Chrysofomo. Foy espanto ver os Magos prostrados aos pés de Christo Menino, a Magdalena aos mesmos pés em casa do Fariseo; os Discipulos no Thabor. Se isto foy espanto, e admiração, quanto mayor seria ver o Juiz aos pés do peccador, o Confessor aos pés do peccador, o Principe aos pés do mais vil vassallo! Que seria ver deste modo prostrado Christo aos pés de Judas; o Ceo abaixo do inferno, o Sol aos pés da terra, o mesmo Filho de Deos aos pés do demonio! Oh assombros! Oh admiração! Oh prodigio!, filho do mesmo amor deste soberano Deos! *Ecce Deus ad pedes diaboli*, repara com tudo Origenes.

5 Que bem disse Plutarco, q̃o amor he como a musica: *Musican docet amor*. O modo da boa musica consiste em levantar huma voz, e abaixar outra: e ninguem ensina melhor esta consonancia, que o amor com a
lua

Pfal.
18.

Pfal.
58.

Apoc.
32.

Isai. 6.

tua harmonia. Que n fez
 co n q̄ a baixeza da nossa na-
 tureza ficasse tão levantada,
 que partindo-se Christo des-
 te mundo, se foy sentar no
 lugar do Ceo a natureza hu-
 mana á mão direita do Pay?
 Isto fez o amor, que unio o
 baixo da natureza humana
 ao mais alto ponto, que he
 a Pessoa Divina do Filho de
 Deos: e quem fez descer
 esse Filho de Deos tão alto
 a ponto tão baixo, como
 foy fazer-se homem: *Exina-*
nivit semetipsum, formam
servi accipiens &c. O amor
 fez isto: *Incarnatus est de*
Spiritu Sancto: quem fez
 que este tiple do Ceo ficaf-
 se tão baixo, que se puzes-
 se aos pés de hum traidor,
 de hum discipulo perverso?
 O amor fez isto; o amor:
Cum dilexisset suos. Vede
 como he o amor, como a
 natureza: *Muscam docet*
amor. E para que foraõ ei-
 tes contrapontos? Para nos
 dar exemplo do que havia
 de obrar o nosso amor, ou
 subindo por caridade, ou
 descendo por humildade,
 pois a Magestade Divina
 namorada da natureza hu-

mana, deste modo assim se
 soube abater, e deste modo
 assim nos quiz amar, fazen-
 do muitas cousas com seus
 excessos, para com todas
 nos dar exemplo.

6. A primeira cousa, que
 fez o Senhor, foy levantar-
 se da mesa com toda a pres-
 sa: *Surgit à Cæna*, dando-
 nos exemplo da pressa com
 que quer que o imitemos
 nas boas obras: *Exemplo do-*
cens, non remissè, & frigi-
dè, sed quantum diligen-
tissime bona operari, diz
 Chrysoftomo. Com q̄ ha de
 deixar a mesa das delicias,
 quem se resolver a tratar das
 importancias d'alma &c. A
 segunda, depòs as roupas
 ficando-se com huma só tu-
 nica: *Ponit vestimenta, de-*
ponit, ut expeditior esset ad
opus lavandi; diz o Alapi-
 de; para tirar os estorvos,
 que podia haver na acção,
 que intentava obrar: dando-
 nos exemplo, que a segun-
 da diligencia de quem ama,
 he tirar de si os estorvos do
 que procura. A terceira foy
 cingir-se a si, para alargar-
 se com seus Discipulos:
Præcingit se, para nos dar
 exem-

Philip.
2.

exemplo, que cada qual para alargar-se com o que ama, se deve estreitar a si. A quarta acção foy, que lançou agoa na bacia: *Misit aquam in pelvini*, para nos dar exemplo, diz Chrysostomo, que todos os meyo do fim, q se procura, se haõ de esgottar, e nada ha de ficar por fazer, se he fino, e perfeito o amor: *Nihil omisit*. A quinta acção finalmente foy que começou a lavar os pés aos Discipulos: *Cæpit lavare pedes Discipulorum*. Oh humildade pasmosa! Não diz que acabou, diz Origines, senão que começou: *Non dixit lavit, sed cæpit: Denotando vebementem, ac fervidum affectum, à quo tamen nunquam cessavit*. Para nos dar exemplo que se ha chegar com as finezas ao cabo, mas não acabar os extremos. E taes foram heje os do amor Divino, que, não cabendo no entendimento humano: *Quod ego facio, tu nescis modo*, faz remate do Evangelho, e de todos os mysterios, com dizer o Senhor, que tudo, o que tinha feito, era para

nosso exemplo: *Exemplum enim dedi vobis*. Se não cabem em nenhum entendimento os mysterios, como caberão em huma hora os discursos! Faltaõ os folegos da natureza, peçamos os auxilios da graça por meyo da Virgem Senhora nossa.

AVE MARIA.

Surgit à Cæna.

7 **E**Ntre varias differenças entre as obras da natureza, e da graça, he huma, que o pé da natureza sempre se calça de remoras; he de chumbo, e obra com tardanças; e o pé da graça todo he azas, pressa, e velocidades todo. A natureza diz Aristoteles que não passa de hum instante a outro, sem ir por meyo: *Natura non vadit ab opposito in oppositum, nisi per media*. Não se passa do inverno á primavera; desta ao estio; deste ao outono; deste ao inverno; senão por meyo que ha de mister tempo. A arvore primeiro he planta, que arvore; a nuvem primeiro he vapor, que nuvem,

ven; o fogo primeiro he faiscas, que fogo; o rio primeiro he fonte, que rio: em fim, tem seus vagares a natureza, e em qualquer obra sua muito tempo gasta. Veja-se o que se gastou na Arca de Noè, na torre de Babel, no templo de Salomão, nas mais maravilhas profanas, de que a vaidade se admira, e a ignorancia dos eternos bens venera: gatarão muito tempo estas obras, porque eraõ obras da natureza.

8 Ao contrario o costuma fazer a graça, que toda he pressa: *Nescit Spiritus Sancti gratia tarda malimina*. Vede S. Paulo arrebatado até o terceiro Ceo, e do estado de Saulo, mudado em S. Paulo: vede os quatro animaes, que vio Ezechiel convertidos em Querubins: *Elevata sunt Cherubim*, de huma hora para outra: gastaráõ pouco tempo estas obras, porque eraõ obras da graça; nem a ave voa, nem a fêra corre, nem o peixe nada com tanta velocidade; nenhuma exalação com tanta pressa cruzou

os ares; nenhum rayo mal parido da nuvem taõ veloz rasgou os ventos; nenhum pensamento taõ ligeiro penetrou o mundo, como a graça faz as suas obras, pois nellas excede naõ só ao peixe, ás fêras, ás aves, e ás outras cousas da terra; mas a exalação, o rayo, o relampago, o pensamento, e as outras cousas do Ceo: e por isso muito além, ou sobre as cousas da natureza, saõ as maravilhas da graça.

9 Muito tempo gastaõ no mar os navegantes, que passaõ de hum a outro porto do Occidente ao Oriente, governando-se pelas estrellas. E governando-se por huma, que Deos creou de novo, os Magos, diz o texto que em treze dias vieraõ do Oriente até o Occidente. Milagrosa pressa! Jornada de hum anno, em taõ poucos dias! Se todos se governaõ por estrellas; e as estrellas, por quem cõmunmente se regem os navegantes, foraõ creadas para o uso da natureza, e por isso com vagares fazem jornadas; como os Magos, guiados por hũa estrel-

estrella, por espaço de hum anno, só com treze dias che- gaõ com tanta pressa? A ra- zaõ he, que a estrella dos Magos foy creada de novo para trazer almas a Deos, pa- ra o uso da graça: *Gentibus, stella duce, revelasti*. E as coufas da graça obraõ com mayor pressa, que as da na- tureza.

Apoc.
12.

10 Aquella Santa mu- lher do Ceo, de quem com- mummente se entende Ma- ria, que appareceo vestida de Sol, calçada de Lua, e co- roada de Estrellas, julgou o Evangelista ser grande ma- ravilha: *Signum magnum apparuit*. E qual foy a ma- ravilha? Foy fugir a Senhora para o dezerto, dando se-lhe para isto duas azas: *Fugit in solitudinem: datæ sunt mu- lieri alæ duæ*. Aqui está o re- paro: Se era necessario fu- gir, porque não fogue cor- rendo, se tem pés para cor- rer; senão fugir voando, dando-lhe azas para voar? Pois para ser Maria prodi- gio, he necessario voar, não bastava só correr? Não; por- que, correndo, fazia o que podia, segundo as forças da

natureza; voando huma mulher, que he coufa nun- ca vista, foy graça particu- lar ter azas esta Senhora, o- brava com as forças da gra- ça. E porque razaõ se vê nas azas a graça, e nos pés a natureza? porque os pés de vagar se movem, e as azas voaõ depressa: *Necit tar- da molimina Spiritus San- cti gratia*.

11 Como pois as pres- sas são propriedade da gra- ça; Christo Senho nosso, que nesta hora queria com- municar o mayor thezouro da graça, e ensinar a des- truir culpas, e lavar almas, purificando consciencias; vendo que se estava perden- do huma alma, a quem tinha preza o demonio na cadea da sua culpa; que havia de fazer, senão erguer-se da mesa, levantar-se a toda a pressa? Para nos dar exem- plo da pressa, como nos ha- vemos de resolver a tratar da salvação propria, pois fez tanto pela alhea: *Surgit à cæna, exemplo docens, non remissè, & frigidè, sed quàm diligentissimè bona opera fa- cienda sunt*. Como quem diz:

diz: Está se perdendo huma alma; e quem póde remediá-la? Deter-se na mesa, nas delicias na mesa significadas? Não ha de ser assim, ergamo-nos a toda a pressa: *Surgit à Cæna*. Oh bendito seja taõ bom Senhor! Tamveloz he para o nosso bem, até quando o demonio nos insta para nosso mal, que he mayor a pressa do seu amor para as importancias da graça, que a mayor malicia para as diligencias da culpa.

12 Dous logos de duas sahidas, notaveis ambos, acho na Escritura: hum de Judas: *Et exiit continuò*. Sahio Judas logo do Cenaculo: outro do sangue, e agoa do lado: *Continuò exiit sanguis, & aqua*, logo sahio sangue, e agoa do coração de Christo. Reparay na differença destes logos: O logo de Judas está depois do sahir: *Exiit continuò*; o logo do sangue de Christo põem-se na Escritura mais anticipado do outro, porque está primeyro: *Continuò exiit*. Pois se ambos estes logos dizem pressa; pergunto: A que sahia Judas,

senaõ a cometer o mayor peccado; a executar a mayor malicia? A que sahia o sangue de Christo senaõ a acudir ao remedio das almas, e a cõmunicar lhes enchenes da graça: *Ex latere Christi exierunt sacramenta*? Pois ponha-se primeyro o logo da pressa, com que sahe o sangue de Christo, do que o logo da pressa, com que sahe Judas. Judas saya logo, saya de pressa, mas apresse-se menos, que vay andando; o sangue de Christo logo saya, e logo saya com mayor pressa, que vay correndo; porque como Judas sahe a executar huma culpa, e o sangue de Christo logo sahe a communicar muyta graça, mais apressado he o amor de Deos para as importancias da graça, que a mayor malicias para as diligencias da culpa.

13 Oh extremada fineza! Que mais apressada he a bondade do amor Divino para o remedio, que a mayor maldade para o peccado. Por isso sabendo o Senhor que era chegada a hora, em que do inferno a malicia

Joan.
13.

Joan.
19.

licia fazia mayor diligencia pela perdição daquella alma : *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas* ; que faz ? acode com toda a ancia, levanta-se com toda a pressa ; não perdoa diligencia, e fadiga, sem que trate logo do remedio desta alma perdida ; para nos dar exemplo da pressa , com que as resoluçoens se haõ de haver nas cousas da graça , muyto mais que a natureza se arroja ás cousas da culpa : *Surgit à Cæna*. E para que ? Porque do modo com que eu faço com vosco , assim haveis vós de fazer com os outro : *Ut quemadmodum facio vobis , ita & vos faciat* ; *id est , quoad vestram capacitatem*.

14 E de que nascia neste Senhor o encõmandar-nos façamos com os outros , como elle faz com nosco ? Sabeis de que nascia isto ? Do extremo do seu amor ; que até pelos meynos do seu martyrio sollicitava o nosso remedio , até quando o odio dos peccadores lhe fazia o mayor aggravo. E he tal a fineza deste Divino amor ,

que não se apressa tanto o mesmo odio no aggravo , como o Senhor no remedio ; porque o morrer pelos homens , e dar a vida pelo remedio delles , era a sua mayor fede : como entendem muytos na fede , que Christo mostrou ter de mais tormentos : *Sitio, id est, maiora tormenta*. E por isso não andava taõ apressado o odio em lhe sollicitar o tormento, como o seu amor em lhe anticipar o martyrio.

15 Era costume nos cõdenados á Cruz , quebrarem-lhes os braços , e as pernas, antes de morrerem ; ou para acabarem mais depressa a vida, ou para sentirem nos tormentos mais pena. Este tormento queria fazer em Christo o odio , e este tormento não executou o odio ; porque querendo executá-lo, viraõ já a Christo morto : *Cum vidissent eum jam mortuum , non fregerunt ejus crura*. Como assim ; se o Senhor padecia tanto, e desejava padecer mayores tormentos : *Sitio maiora tormenta* ? Logo porque sua Divina Providencia dispõs que

Joan.
19.

Joan.
19.

que a crueldade não chegasse á execucao deste martyrio: *Non fregerunt?* A razao he, porque Christo no Sacramento já o tinha quebrado: *Quia Christus in Sacramento fregit.* Pois porque se anticipa Christo em o quebrar no Sacramento, mais que a crueldade dos inimigos em quebrar na Cruz o seu Corpo? Direy: porque os inimigos movia-se, na Cruz, com o seu odio; e o Senhor movia-se com o seu amor no Sacramento: e não anda o odio tão apressado em sollicitar-lhe o tormento, como seu Divino amor em se anticipar o martyrio: *Non fregerunt ejus crura, quia Christus in Sacramento fregit.*

16 Oh fineza do amor Divino! E se o peccador attendesse a este seu Divino exemplo, como fora melhor a sua resolucao da pressa, não só para o remedio proprio, senão tambem para o dos outros! Pois trata peccador de deyxar as delicias, e imita a este Senhor, q̄ se levanta da mesa, que se dá pressa para o teu remedio,

para que tu te apresses nas resolucoens do seu serviço: *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum Ego &c.*

Este he o exemplo, que nos dá o amor Divino. He Deos tão puro como hum espelho:

Speculum sine macula: quem Sap. 7.

vê o espelho, juntamente a si se vê nelle. E porque chama Salomão a Deos espelho sem macula? Porque diz que he hum resplendor da luz eterna, espelho sem macula da Magestade Divina, e imagem da sua bondade toda: *Candor est enim*

lucis æternæ, speculum sine macula Dei Majestatis, & imago bonitatis illius. Menoch. in Bibl. max.

E Menochio diz, que resplandecem neste espelho as perfeccoens do Padre Eterno.

Mas S. Bóaventura tambem diz que conheçamos por este

espelho a Jesu Christo: *Potest appellari speculum ipse Christus, e jusque humanitas.* S. Bernav. 7. pud Barbi in Bibl. Seraph.

E por isso nos diz S Paulo que vejamos agora neste espelho as perfeccoens de nosso Redemptor: *Videamus nunc per speculum.* 1. Corint. 13.

17 Pois que havemos de ver neste Divino espelho?

lho? Sabeis o que? Naõ só o que elle he, o que elle faz, e o que tem para fazer; mas tambem para este Senhor nos ver a nós, o que somos, o que fazemos, e o que havemos de fazer: elle he espeelho puro sem macula, nós somos impuros, e cheyos de culpas; elle bemfeytor de todos, nós para elle todos ingratos; elle cõmunicador de misericordias, nós repletos de miserias; elle cheyo de divinas finezas, nós cheyos de vaidades profanas; elle com tantos extremos de seu amor para nosso remedio, nós com tantos excessos para nossa perdição: elle finalmente he o Supremo Bem de tudo; o que faz, he o quanto tem feyto, e hoje faz no Sacramento do Altar, em que se representaõ os tormentos de sua payxaõ, que á manhaã ha de padecer, que he o que falta de fazer pela humana Redempção: *Recolitur memoria passionis ejus*; para que vendo nós o que somos, o que fazemos, e o que havemos de fazer, nos resolvamos com pressa, para fazer-nos o que elle he:

In me manet, & ego in illo; o que elle faz, he que nós façamos, tomando o exemplo que nos dá: *Exemplum enim dedi vobis*; e o que havemos de fazer, he que façamos o que o mesmo Senhor nos encõmenta façamos nós: *Ut quemadmodum ego feci vobis, ita & vos faciatis.*

18 Oh peccadores! Se vos estais vendo neste Divino espelho, elle tambem vos está vendo; porque na certa supposiçaõ que estes espelhos se vem reciprocamente, he sem duvida que em se apartando hum do outro da imagem, que via, desapareceo da vista a imagem; mas o que se apartou, se torna, logo vê a imagem, que dezappareceo. Pois vede como está esse Divino espelho, para considerardes o estado, em q̃ vos ha de ver o vosso: vede esse coração de Deos cheyo de excessos de seu amor sem fim; e vede o vosso cheyo de tantas continuadas offensas: vede naquelle Divino Senhor elles pés, estas mãos, essa cabeça, elles olhos, essa boca, esse rosto, e esse corpo, q̃ sendo a formosura

Medi-
tat. S.
Ber-
nar.
Chri-
stum
crucif.
Job, 2.

do Ceo: *Speciosus forma præ filiis hominum*, está todo em viva chaga: *A planta pedis usque ad verticem*, pelos tormentos de nossos delictos. diz S. Bernardo: *Cognosce anima mea, cognosce: hic est Dominus Deus noster Jesus Christus Salvator tuus, qui solus sub sole sine macula inventus est. Is te formosus præ filiis hominum, quàm deformis factus est! Hic vulneratus propter iniquitates nostras, attritus propter scelera nostra.* E vede-vos a vós como estais cheios de tãtas profanidades, tão cuidadosos para cometer culpas, e tão descuidados de tratar da salvação de vossas almas. Finalmente, vede o que elle fez por vós, e vede o que tendes feito por elle. Ah peccador! Que cuidado, que diligencia, que pressa tens dado para teu remedio em chegar-te de todo a Deos? Com que pressa o buscaste na confissão, oração, resolução, e emenda da tua vida?

19 O rio se apressa por chegar ao mar; o navio por chegar ao porto; a ave por

chegar ao ninho; a pedra despedida, por restituir-se ao centro. Se pois Deos he o centro, ainda q̄ tu sejas pedra dura, não te suspendas, por não ires descãçar ao teu centro: *Deus est centrum, & locus naturalis animæ*; se Deos he o teu ninho, ainda q̄ sejas ave contemplativa, não deixes de habitar até o fim do teu ninho: *In nidulo meo moriar*; se Deos he teu porto, e tu não mettida no mar do mudo, quando te está favorecendo com vento prospero, não percas occasião, como navio ligeiro: *Dies mei transierunt sicut navis*; se Deos he quem sahiste rio, apressa-te como rio, como os rios correm para o mar: *Ad mare, unde exeunt, flumina revertuntur*. Pois se não te apressas em buscar o centro do amor Divino, o ninho da piedade, o amor da Misericordia, e o porto da Graça; es peyor que pedra, que se endureceo; es peyor que ave, que desappareceo; es peyor que não ronqueira, que se submergio; es peyor que rio, que se despenhou.

Job:
18.

Job:
17.

20 Tem para si S. Joaõ Chrysoftomo, Theofilato, e Euthimio, q̃ a pressa do Senhor nesta occasiaõ foy tambem muyto por amor de Judas, principiando por elle primeyro o lavatorio: *Oppinantur Christum primò omnium lavasse pedes Judæ, ut eum immoliret, & à scelere perditionis revocaret, ut nobis daret exemplum amoris inimicorum, ut maleficia beneficiis compensemus, ipsisque & magis beneficiamus, quò magis eos in nos maleficos sentimus.* Alapide ibi: *Cæpit lavare.* Pois para que vos apressais Senhor principiando o lavatorio por Judas? Naõ fora primeyro melhor por Pedro? Bem me lembra, q̃ para o Senhor acudir a Pedro, quando naufragava no mar, veyo *in quarta vigilia noctis.* Pois como entaõ taõ tarde a Pedro, e agora taõ logo a Judas? Porq̃ em Pedro havia perigo da vida; em Judas havia perigo d'alma: Judas era inimigo, e Pedro amigo: e o Senhor deonos nisto exemplo: *Exemplum enim dedi vobis.* Porq̃ a verdadeyra charidade mais

se ha de apressar em acudir ao inimigo, se a importancia he da alma; do q̃ ao amigo. se a conveniencia he só da vida.

21 Pecca Adaõ, vem logo Deos buscá-lo: *Ad auram post meridiem: Adam ubi es?* Morre Lazaro, detem-se o Senhor dous dias, sem acudir á desconsolaçaõ das Irmaãs, que anciozas o procuravaõ com a noticia da enfermidade: *Ecce quem amas infirmatur; & mansit duobus diebus.* Pois tanta pressa para Adaõ, e tanto vagar para Lazaro? Sim: q̃ este, como amigo, o amava; aquelle, como inimigo, o offendera: a Lazaro importava-lhe a vida, a Adaõ o remedio d'alma; e em havendo importancia d'alma, cõ mais pressa ao inimigo se ha de acudir, do q̃ se ha de valer ao amigo por conveniencia da vida.

22 Por esta razãõ vendo a Judas inimigo, mas com risco d'alma se perder; e a Pedro amigo, mas com menos perigo da vida naufragar; primeyro se apressa para que Judas seja ajudado, que para que Pedro seja favorecido: *Surgit à*

Cæna. Vede a pressa, com que na consagração fica Christo naquelle Sacramento; em dizendo o Sacerdote quatro palavras, a substancia do pão se converte em corpo de Christo: e para que tanta pressa neste Sacramento? Porque este Sacramento he augmento da graça, he remedio, e bem das almas; e para o bem das almas toda a pressa. Com pressa se ha de acudir a qualquer risco, ou damno da vida; porém com muyto mayor ao da alma.

23 Oh se fizermos isto! Se puzermos os olhos neste exemplo, que certo fora fermos mais apressados em acudir, por amor de Deos, a nossos inimigos; vira-se, como em hum espelho claro, que as nossas almas tomavaõ o divino exemplo, e que obedeciaõ áquelle principal mandato: *Hæc mando vobis, ut diligatis invicem: mandatum novum do vobis;* que para que se execute com toda a diligencia o mandato, saõ as finezas do exemplo: *Exemplum enim dedi vobis, ut quem &c.* Saõ os amigos

de Deos, como fontes: *Amica mea sicut fons.* Esta, desde o berço, donde nasce, até o mar onde morre, logo em nascendo se arroja com todo o impeto para o seu centro, fazendo bem aos campos proximos; não repara nos impedimentos, e estorvos, que se lhe põem diante, ainda que sejaõ montanhas difficultosas, despeñadeyros profundos, rochedos asperos; tudo vence por fazer bem a quanto póde, &c.

Ponit vestimenta sua.

24 **P**Os de parte, e desprio o Senhor suas vestimentas. E para que tirou o Senhor seu soberano ornato? Diz o Alapide, que para os estorvos, e ficar para o que queria fazer mais dezimpedido: *Ut expeditior esset ad opus lavandi.* Serviaõ as roupas de estorvo: tirou logo este impedimento. Oh quanto poderamos dizer que impedem o bem das almas as gallas ricas; pois eraõ estorvo das acçoẽs de Christo até suas pobres roupas!

roupas! Assumpto será isto para outro dia. Vamos ao que nos importa neste. Para o que he de advertir: ha huns estorvos da natureza, e outros da culpa. Quando o estorvo he da culpa, impossivel he que communique Deos a pessoa, que está com ella: *Non habitat in corpore subdito peccatis*. Os Theologos dizem, que dous contrarios não podem estar *simul in eodem subjecto*; porque o mais poderoso ha de lançar fóra o que póde menos; porque o calor deyta fóra o frio; e o frio o calor: o dia lança fóra a noite, e esta o dia; porque são contrarios, e o que venceo, lançou fóra a outro. Assim Deos, e o demonio; a graça, e o peccado não fazem bõa mistura. Por isso Judas não recebeu bem o Sacramento; porque tinha já no coração o demonio: *Cum jam diabolus misisset in cor*. E como não lançou a este fóra, a graça não entrou dentro. Ainda que choreis, que ameis, q̃ façais penitencias, e bõas obras, se não deytáis fóra o peccado, não vos a-

proveyta nada; porque vos fica o impedimento fervindo de interdito para Deos. *25* He certo que o Sol, se se lhe põem diante huma nuvem, não allumia, nem communica á terra effizamente suas influencias, em quanto o estorvo das nuvens dura; tira-se a nuvem, aparta-se o estorvo, logo a luz se cõmunica, e se ajunta o Sol á terra. Assim para que o Sol de justiça communique sua luz divina á terra de nossas almas, quer que se tirem os estorvos, ainda que não sejam culpas; por isso ensinando nos com seu exemplo a tirar os impedimentos, depõs os vestidos, despõ os estorvos: *Ponit vestimenta sua, ut expeditior esset*. Como quem diz: Sabeis o que haveis de aprender na escola de meu amor, depois de huma resolução apressada; tirar de vós todos os estorvos, que vos podem impedir, ou sejaõ da natureza, ou da culpa.

26 O Manná, figura do Sacramento, não se deo aos Israelitas no dezerto, senão depois de acabar-se-lhes a farinha

rinha do Egypto. Ainda coufas muyto pequenas são da uniaõ com Deos impedimento. Humas flores, com que se entretinha Santa Rosa, lhe impediaõ os favores, que Deos lhe communicava, e fazia; porque não se communica Deos ás almas, em quanto os impedimentos se não tiraõ. Ao Manná compara o texto com a semente do coentro: *Manná sicut semen coriandri*. Os setenta leem *sicut pupilla oculi*, como a menina dos olhos. Pois a menina dos olhos, como o Manná, figura do Sacramento? Sim; porque aos olhos hum pequeno argueiro os agrava; hum leve pó lhes impede a vista; qualquer pequeno estorvo he grande impedimento. Quem se resolve a ter vida mais perfeyta, tire quanto lhe impede a perfeycão mais alta: para q̄ cheguemos a mayor altura, he necessario de zembraçar-nos a toda a pressa.

27 Quem tem muyta calma, de todo se despe; quem tem muyto amor de Deos, tudo o q̄ impede, tira. Elias

quando subio naquella ardente carroça, com que trãscedeo as nuvens, lançou de si a capa: *Pallium reliquit Elias, ut currum, quem Dominus miserat, ascenderet*. Subia á mayor altura, com muyto amor a Deos, para quem subia; embaraçava-o a capa: e quem tem muyto amor a Deos, e quer subir a mayor perfeycão, não soffre embaraços, larga-os a toda a pressa: *Reliquit pallium*. A primeyra cousa, que os Apostolos fizeraõ para seguir a Christo, foy largar logo as redes: *Continuò, relictis retibus, secuti sunt eum*. Com razaõ; porque redes são instrumentos de enredos, e de embaraços, que prendem, e impedem; e todo o embaraço ha de deyxar, quem a Christo imitando o quer seguir. Por isso ensinando-nos o Senhor cõ o exemplo o modo, com que havemos de amá-lo, mostrou que amando os seus com extremo: *Cum dilexisset suos, &c.* tirou todos os estorvos, que havia para serví-los, lavá-los, e favorecê-los: *Ponit vestimenta sua,*

Nu-
mer.
II.

4.
Reg.
14.

Mat.
th. 4.

4.
Reg.
c. 2

sua, ut expeditior esset.

28 Que te impede agora, peccador, para te não desembaraçar para Deos? He a soberba, a cobiça, a sensualidade, a occasião, o desejo da vingança, a demanda injusta, a amizade illicita? Todas essas, e qualquer outra culpa he interdicto da graça, embargo para a misericordia; ainda que faças finezas por Deos, he perigosa toda a fineza; porque he querer ter com Deos commercio, e não tirar os estorvos do peccado: se esres se tiraõ, faz Deos do nosso amor muito caso, se se não tiraõ, pouco estima Deos os extremos.

29 Extremos de penitencia fez Salomaõ, segundo S. Jeronymo; mas não leyo na Sagrada Escritura que faça Deos caso, nem memoria delles, antes muitos duvidaõ da sua salvaçaõ. E fallando-se depois de seu neto Jozias, diz que foy o mayor Rey de Israel, e que não houve outro igual na estimaçaõ de Deos, e no modo com que a Deos se converteo: *Similis illi non*

fuit ante eum Rex, qui reverteretur ad Dominum in omni corde suo, & tota anima sua in universa virtute sua, neque post eum surrexit similis illi. Pois se de Salomaõ se não faz caso, como de Jozias se publicaõ tantos encomios? Dá a razão o mesmo texto: *Figuras idolorum, & immunditias, & abominaciones, que fuerant in terra Juda, & Jerusalem, abstulit Jozias.* Tirou os idolos, que serviaõ a Deos de estorvo, e ás almas de impedimento. Por isso faça-se muito caso da conversaõ de Jozias, ainda que se não nomeem finezas; das de Salomaõ não se faça algum caso, porque he perigosa toda a fineza, onde não ha tirar estorvos, para chegar a Deos a alma. Pois dize-me, peccador: tiraste todos os idolos, que servem de impedimento para o amor Divino, e para que te cõmunique o celestial influxo? Confessaste o peccado, que te impedia; deixaste a amizade illicita, que te embaraçava; tiraste de ti o odio, a soberba, a gula,

4.
Reg.
c. 23.

109

la, a murmuração, a teima, a demanda injusta, o máo costume, que te prendia? Se não tiraste estes estorvos infelices; feraõ todos extremos, não de amor, sim de muito dezagrado de Deos; feraõ interdito para não ter entrada com elle, quando se não deitaõ fóra os estorvos, que impedem.

30 Quando Jacob quiz tornar de Canaan para Bethel, pediu a seus criados os idolos, e os metteo debaixo da terra: *Surgite ascendamus in Bethel, abjicite Deos alienos, infodit ea subter terebintum.* E porq̃ mais aqui, que em outra parte ha de estar sem idolos? Soffre-os antes, e ainda até á sua propria mulher; e agora nem aos criados os soffre? Sim: porque vinha para o lugar, aonde lhe appareceo Deos na escada: *Ibi enim apparuit ei Deus, cum fugerat fratrem suum.* E quem quer ter entrada com Deos, porta aberta, e via franca; sepulte os idolos, vaõ fóra ainda as leves lembranças da culpa: *Infodit ea subter terebintum &c.* Mar, que não

entrou muito pela terra dentro; não foy grande o seu influxo: Rio, que não rompeo os vallados, que encontrou diante, não teve grande impeto na sua corrente. Exercício, que não rompeo os muros, não teve grande valor no assalto. Assim a resolução, que não despio os estorvos, não teve grande merito. Oh que gosto déramos a Deos, se para unirmos com seu Divino Espirito, e para chegarmos a recebê-lo Sacramentado, cortarmos pelos impedimentos.

31 *Si separaveris pretiosum à vile, quasi os meum eris.* Que quer dizer, quasi boca de Deos: na boca está o gosto; e não ha para Deos mayor gosto, que, para chegar ao precioso de seu amor Divino, cortar pela vileza do amor terreno. Impede-te peccador a vaidade, o interesse, o pundonor, a casa da conversação, para não ir á Oração, á Missa, á Pregação, e mais santos exercicios? Corta por isso. Impede-te a superfluidade dos gastos a restituição? Corta por

por essa superfluidade, e restituê, q̄ se a não tiras, ou não queres, o mesmo Deus será contra ti com o seu açoute: *Aggravata manus Domini super Azotios, & demolitus est eos.* Entrou no seu templo, quiz tirar-lhes o estorvo, que tinha posto o demonio, derrubou-lhes o idolo: com que o Senhor lhes tirava o impedimento, e elles cada vez mais acrescentaraõ o estorvo, deitando a Arca do testamento fóra, e deixando o diabo dentro. Homens loucos, venerais a Arca por Deus; vedes que Deus vos destroe o idolo, e quereis mais o demonio em casa, que a Deus? Que ha de succeder, fenaõ que a maõ, que Deus brandamente vos dava para o remedio, vos carrega a maõ no castigo; porque em quanto o peccador não quer, continua o açoute de Deus: *Aggravata manus Domini.*

32 Quantas vezes, peccador, entrou no templo da tua alma esta Arca do testamento? Quantas vezes começou a derrubar o idolo do teu peccado? E tu que

fizeste? Deitaste fóra a Deus, e deixaste em casa o idolo? Pois que ha de vir sobre ti, fenaõ o açoute, e o azorague do Ceo? Porque em lugar de tirarmos o impedimento para a graça, acrescentamos os estorvos da culpa. Oh, se por huma vez fosse fóra a culpa, muito mais luzido Ceo tiveramos por tirar o estorvo da culpa, que por continuar exercicios da graça. Menos embaraço he para a graça, se o estorvo he da natureza; mas grande impedimento para a uniaõ divina: e tirando este estorvo, logo se nos comunica o divino influxo, e nos unimos com Deus. A pedra, que está em alto, tirado o impedimento, que alli a detem, com a inclinação natural, logo por si mesma corre para o seu centro. Oh que depressa correramos para o nosso centro, se tiráramos os estorvos da natureza! Grande miseria! Que rasga huma fonte a montanha, e que rompe as rochas, e penedos, para chegar ao mar, que he seu centro; que o fogo, que está n'uma

ma mina, em lhe chegando huma faísca, voe torres, e muralhas, por chegar a seu centro, que he a regiaõ do fogo; e que sendo Deos fogo, de quem somos breves faíscas, que sendo mar, de quem somos fontes, não façamos mais por chegar a Deos, que huma fonte pelo mar; q̄ huma pedra pela terra; que huma polvora pelo fogo! Certo, que se tiveramos huma faísca do amor Divino entre nós, vendo que nos chama a graça, depois de nos vermos sem impedimentos da culpa, reputaríamos por martyrio não vencer os estorvos da natureza.

33 Diz Chrylostomo, que o Bautista no ventre da Mãy padeceo martyrio, depois que tendo a Deos presente nas entranhas da Virgem Senhora nossa, não pôde romper o carcere do ventre: *Cur martyrem stringis? Cur Propheta detines?* E q̄ aquelles saltos eraõ sentimentos de martyrio, que padecia. Pois porque sentia, e padecia o Profeta? Responde o Santo: Sentio-se santificado o Bautista, e livre do estorvo da culpa; vio que no carcere do ventre o prendia a natureza, quando tendo a Deos presente o chamava a graça: *Non fert, presente Domino, contineri, non sustinet naturæ spectare terminos; sed contendit rumpere carcerem ventris.* Não soffre que se espere pelo parto; deleja, e não pôde apressar o tempo, acha no ventre o estorvo. Oh que lhe serve de maatyrio! E isto porque? Porque quem está santificado, ama muito a Deos, e quem muito ama, tem por martyrio, vencidos os estorvos da culpa, não poder logo romper os estorvos da graça.

34 Como pois o Senhor amasse aos seus: *Cum dilexisset suos.* Como se resolvia a amá-los, e não podia ter estorvos na culpa, sendo as roupas hum embaraço da natureza, para cõmunicar-se com elles no lavatorio da graça, para dar-nos exemplo do que ha de fazer huma alma, que o ama; não sómente se ergue a toda a pressa da mesá, mas tira as roupas, para nos dar exemplo: quem se resol-

resolue a imitá-lo, o que ha de fazer, acabado o impedimento da culpa, he tirar, e acabar com os da natureza:

Ponit vestimenta sua. Exemplum enim dedi vobis. Este exemplo, que nos deo no fim da vida, já o tinha mostrado, quando se unio á nossa natureza: parecia estorvo o Ceo, rompeo onze Ceos, e veyo á terra: parecia embaraço da honra, a injuria, q o homem cõmetteo peccando, e rompeo pelo pundonor da honra: parecia estorvo da Magestade, vir em figura de servo ao mundo; rompeo pelo reparo da Magestade: parecia obstaculo a justiça, que estava pedindo vingança; rompeo pelo escrupulo dessa justiça. E quem o persuadio a romper por tantos reparos, e vencer tantos escrupulos, desfazer tantos embaraços? Quem? Seu excessivo amor foy quem rompeo por todos, e por tudo: *Propter nimiam charitatem, qua dilexit nos Deus.* Oh pasmo, e maravilha! E que com estes exemplos se não rasgue a alma em suspiros, se não rom-

pa o coração em affectos, q de huma vez se não rompaõ todos os embaraços! Que he isto, senão falta de amor de Deos? Que se houvera amor de Deos, acabaraõ-se os estorvos, e não houvera para a resolução do amor este impedimento.

35. Què de impedimentos lhe poria a natureza á Magdalena, para ir-se para hum dezerto! As brenhas, as feras, a solidão, o dezerto, a fome, a sede, o deza-brigo, que tudo não fossem muros: á resolução de hum animo mulheril tantos obstaculos? Mas que fez a Magdalena? Venceo tudo; e porque? *Dilexit multum.* O amor tirou os estorvos, e o muyto amor, que tinha a Christo, a fez cortar todos os embaraços. Deos he como o enxerto; não péga, senão na arvore, cujas ramas velhas primeyro se cortaõ. E porque não he Deos como pevide, senão como enxerto? Porque o enxerto para pegar, he necessario primeyro tirar o impedimento das ramas velhas á arvore que brota; e a pevide nasce

ce sem impedimento da terra, que como Mãe cria; e sem cortar pelo impedimento, não pega Christo nas almas. Absalaõ ficou á dependura, e por não cortar os cabellos; perdendo a vida, e a alma, por não cortar aquelles impedimentos, que á liberdade lhe eraõ estorvos.

36 Oh quantos, por não cortarem os impedimentos, cahem na perdição, que, por tirarem os embaraços, poderiaõ augmētatar em si a graça de Deos. Effeyto he do Sacramēto do Altar augmētatar a graça; porē m esta não se augmenta, nem se communica, se não achar fóra os estorvos da culpa. De que nasce, senhores, tantas communhoens cada dia, e taõ pouco fructo dellas? Huma bastava para sermos Santos. E tantas não bastaõ para sermos justos? De que nasce isto, senão de não tirarmos os impedimentos? Ah Catholicos! Tira Deos os que póde achar na natureza para nosso beneficio; e nós não tiramos os que sentimos, ou por interesse, ou por agradecimento! Mas se não bas-

ta para isto o preceyto; baste, e sobeje o exemplo de Christo: *Exemplum enim,*

Præcingit se.

37 **E** Streytou-se a si o nosso Deos, para alargar-se com seus Discipulos, a quem amava, para estender as mãos, e os braços em fazer-lhes o beneficio do lavatorio; dando nos cõ isto exemplo: q̃ quem quer amar a Deos, como elle nos amou a nós, para alargar-se com o que ama, ha de estreytar-se a si; ha de estreytar-se nos gastos proprios, para que no serviço de Deos se alargue com mayor dispendio: ha de estreytar a mesa para si, para que se estendaõ aos pobres os sobejos do que se poupa na mesa: ha de estreytar-se no vestir, para que nas estreytezas proprias se possaõ achar para Deos, ou para Christo as larguezas. Vede q̃ exemplo nos dá o amor Divino: Chega o tempo da Incarnação: *At ut venit plenitudo temporis.* Faz-se homem; sendo immenso, faz-se limitado; sendo infinito, faz-se

se finito; estreya-se no claustro bemaventurado do purissimo ventre de sua Mãy Santissima; e aquella Magestade immensa, que nos Ceos não cabe, coube em cubiculo taõ pequeno. E porque vos estreytais, Senhor, tanto, que, sendo Deos, vos fazeis homem? Sendo Senhor, servo? Sendo immenso, limitado? Porque me quero alargar com o homem; quero restituí-lo á minha graça, quero dar-lhe a minha gloria, quero fazê-lo senhor do Ceo, quero estender-me tanto com o homem, que hey de fazê-lo Deos, ha de ser Deos, e homem; pois estreya-se Deos: *Exinanivit semetipsum formam servi accipiens.*

Philip. 2.

38 Consideray no Sacramento: ha mayor estreyteza, que caber a Divindade, e a humanidade em taõ pequeno circulo: e o que em qualquer pequena Hostia, ou parte della, está todo em toda a parte, e todo em qualquer parte della! Senhor, para que he tanta estreyteza nesse Sacramento admiravel? Porque

nelle me alargo com o homem, tanto, que não só lhe dou minha graça, mas me dou, e entrego a mim mesmo, meu corpo para sustento, meu sangue para bebida, minha alma, e humanidade em prêda da graça, minha Divindade em penhor da gloria. Cõsideray-o na Cruz: que estreytado, e que pregado em hum madeyro! que cozido em cravos, e espinhos! Senhor, para que são estas estreytezas? Para alargar-me tanto com o genero humano, que lhe dou meu sangue por preço, minha vida por reparo, minha morte por antidoto. Ha tal exemplo! Ha tal extremo! E quem moveo ao Senhor a extremo taõ excessivo, que trate de si menos, e de nós mais? Que para alargar-se conosco aperte tanto consigo? O amor, diz Santo Agostinho: *Dilexisti nos Domine plus quam te.* Mais q̃ a si nos amou. Ex-aqui porque se cingio a si, quando se quiz alargar com os seus, a quem tinha amor; dando-nos exemplo, que o verdadeiro amor menos ha de tratar

tar de si mesmo, que do que ama: menos ha de sollicitar conveniencias proprias, que importancias alheas.

39 No dezerto pediu o demonio a Christo que fizesse pão das pedras; e não fez o Senhor o milagre. E vejo eu que, sem ninguem lhe pedir, nos dá por pão dos Ceos, debayxo das especies de pão, seu Corpo Sacramentado. Meu Senhor, se transubstanciais o vosso Corpo Santissimo, porque não converteis as pedras em pão? Porque as pedras convertidas em pão, seria para si, e o pão transubstanciado em corpo de Christo, naquelle Pão Celeste, era para os seus. E como amava tanto aos seus, muyto mais tratou dos seus, que de si. O seu desvélo foraõ as importancias dos seus; o seu descuido foy a propria conveniencia; para nos dar exemplo, que quem tem verdadeyro amor, mais trata das importancias do que ama, que da conveniencia propria.

40 Por isso o Senhor neste dia disse que sabia

que chegava nelle a sua hora: *Sciens Jesus quia venit hora ejus.* E porque entã hora sua, quando nenhuma cousa teve no mundo, e nos deo tudo: *Filius autem hominis non habet ubi caput reclinet?* Sabem porque? Porque esta hora era ordenada a nos enriquecer, e destinada para nos remediar. E o Senhor só tem por proprio, e por seu, não aquillo, em que tem o mayor thesouro; senão aquillo, em que nos póde dar o mayor remedio. Tudo quanto tem de seu, e de si, parece que quer mostrar que de justiça he nosso; porque ló quando fica nosso, mostra que o estima, e o confessa por seu. Que tens feyto, peccador, por teu Deos, que fez tanto por amor de ti? Tens estreitado os gostos, as pompas, as vaidades, para alargar-te com os pobres, com que te busca Deos? Estreytaste a memoria, cingiste as demasias, foste-te á mão na largueza, que a vaidade usa, para estender te nas que a charidade ordena? Oh prouvera a Deos não só virmos

mos a caridade queixosa! Quanto temo que vejamos a justiça irada! Que faltando a esmóla á pobreza, falte a satisfação á divida, a restituição ao alheyo, a compensação ao damno!

41 E de que nasce, que vemos no mundo tanta vaidade nas gállas, tanta superfluidade nas pompas, tanto fasto nas mesas, e em tudo tanta demasia? Tudo nasce, diz S. Paulo, de que a malicia se ateou, a caridade arrefeceu: os Mongibellos, e os Vezuvios da malicia convertem em montes Alpes a caridade: a caridade morre, porque a malicia vive; e como o peccado triunfa, ja a caridade não reina; se houvera amor, se houvera caridade, guardaramos o perfeito mandato de Christo: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem*. Tomaramos o seu exemplo, vendo que, para se alargar conosco, se cingio tanto o Senhor. Mas seja este Senhor sempre bendito, que não deixa de ter imitadores deste seu exemplo; porque vemos

tambem neste dia as Mitras prostradas; os Pontificados cingidos, os pobres com abundancia; os Principes da Igreja com as estreitezas; e que, sendo para os pobres o mais, hoje com o exemplo de Christo os que estão em seu lugar, se ficam, com o menos, ajustando-se ao Mandato, e conformando-se com o exemplo.

42 Catholicos, tomemos todos o exemplo de Christo, e não só tomemos o exemplo da graça, olhemos para a natureza: olhay para o Ceo, para o Sol, para as Estrellas, para a terra e para os mais Elementos; olhay para todas as creaturas, vereis que continuamente o Ceo se emprega em nosso beneficio, ajudando-nos com seus influxos: o Sol nos dá sua luz, as Estrellas seu resplendor; o fogo á terra nos vem servir; o ar nos dá a respiração para viver; as nuvens dão á terra as chuvas para seus fructos, (se a ira de Deos não faz das nuvens flagellos.) O mar dos dá o peixe, a tetra as caças,

caças; as arvores as fructas; os campos as searas; os animaes as laás; os bichos as sedas; as fontes as agoas, e tudo n'um movimento continuo nos ensina, e nos ajuda: que se isto faz a natureza, que fará a graça!

43 Que quer dizer o Ceo, quando com o Sol, e estrellas está sereno, e formoso, despido das nuvens tristes; senão que então se mostra alegre, quando nos dá suas luzes, e então se entristece, quando lhas impedem? Que diz a arvore, quando com o vestido enfolhada, e enfeitada de varias flores se mostra no veraõ mais festejosa, e bem vestida; senão que se alegra de nos dar seus fructos; e que quando estes lhe faltaõ para no-los dar, lhe falta a ella a alegria, e o vestido, e porque o não teve nem para se vestir, não tem para nos dar de comer? Que diz a fonte, quando rizonha se arroja adonde se nos comunica; senão q̃ com a boca chea de rizo nos dá o humor de suas entranhas? Se pois as creaturas, que não

sentem, nem entendem, mostraõ que então se alegraõ quando de caridade usaõ: como se não corre a razaõ, que haja mais caridade n'uma penha, que n'uma alma; mais agazalho n'uma arvore, que n'um homem; mais misericordia no Ceo, que na racional creatura!

54 Tudo nasce de se não cingir. Cingem-se as estrellas no Ceo, e estreitando-se para si, se alargaõ tanto para nós, que chegaõ desde o Ceo á terra; cinge-se a arvore em pouca terra, estendendo toda a máquina de suas ramas para o Ceo, e para os que se acolhem á sua sombra; cinge-se a fonte, vivendo n'uma penha pobre, para que com seu cabedal fiquem os campos ricos; e por isso aproveita a fonte. Se pois nos cingirmos, se houvera virtude para cingir: *Deus, qui præcingit me virtute, & posuit immaculatam viam meam*; que certo fora houvera caridade para socorrer! Aprendamos da natureza, e aprendamos mais da graça Divina, taõ liberal comnosco, que excedeo nesse

nesse Sacramento a liberdade mayor; porque nascia do amor. Nas dadivas, se conhece o amor: por isso foy final do grande amor de Jonatas dar a David os vestidos, a espada, o arco, e quanto tinha; e a causa era o amor: *Conglutinata est anima Jonate anime David.*

45 Se queremos ver o quanto Deos nos amou, vejamos o quanto nos deo. Na creação nos deo o ser; na conservação a vida; na vocação a misericórdia; na regeneração a virtude; na redempção a justiça; na predestinação a graça; na perseverança a gloria: mas neste Sacramento, tudo, e mais que tudo. Se a cada hum de nós dera Deos hum mundo, com todas suas riquezas, que differeis desta liberalidade? Se vos dera todos os diamantes, todas as minas, todas as perolas: que differeis? Qual he mais? Deos, ou toda a maquina do mundo? *Sicut gutta roris ante Lucani; sic ante te orbis terrarum.* Se pois a respeyto de Deos, tudo he menos, do que a respeito do mar huma onda;

do Sol hum rayo; do Ceo huma estrella; do mundo huma cifra. E qual he a estimação, que fazeis de Deos, e da sua dadiva?

46 Muyto dá, quem dá quanto tem de seu; porèm muyto mais quem dá quanto tem de si. Muyto dá o Sol em dar seus rayos: muyto dá huma arvore em vos dar seus fructos; muyto huma mina em dar seus thesouros: mas se vos dera a mesma mina, se se vos entregára a mesma arvore; se se vos dera o mesmo Senhor, esta dadiva, quanto mayor fora! Se pois Deos não só vos dá da terra os fructos, do mar os peyxes, do ar as aves, do Ceo os influxos, do Empyreo os Anjos; mas vos quer dar o Ceo, e não só tudo o mais, mas tambem a si proprio vos quer, e promette dar-vos neste Sacramento. E que agradecimento dais a Deos desta dadiva, deste admiravel favor? Sabeis em que estado ficamos com esta dadiva de Deos, e em que estado fica Deos? (ainda que elle tenha todos os nossos coraçoes.) fica Deos mais

pobre que nós; e nós mais ricos que Deos.

47 Diz S. Paulo, que este mesmo Senhor, por amor dos homens, recebeu a fórma de servo: *Formam servi accipiens*. Hum Deos, Dominador de todos os dominadores, e Senhor de todos os Senhores, ha de acceytar a forma de servo dos homens? Sim, diz o Senhor: quero ter no mundo a forma de servo dos homens. E porque? Vede bem: O servo, quanto adquire, e pôde adquirir, não he seu, he de seu Senhor, porque elle tambem o he. E quiz mostrar este Divino amante que, como servo, fosse do homem, a quem servia. E assim tudo o que adquirio de gloria, tudo o que mereceo de justiça, e tudo, o que tem de si, deo aos homens, de quem se fez servo. Com que se desta sorte amou este Senhor aos homens, que os fez Senhores de todos os seus bens, e se lhes dá tudo, quanto tem, e de si proprio; mostra Deos ficar mais pobre que os homens, e os homens mais ricos que Deos;

que tanto pode o seu Divino amor, como se insinua no Concilio de Trento: *Omnes divitias divini sui erga homines amoris effudit*.

48 E para que he, Senhor esta fineza? He, diz o Senhor, para ser mais preciosa a minha dadiva, no modo com que me Sacramento: *Hoc est corpus meum*. Admiravel modo! Meu Senhor, só nesta dadiva, só n'um bocado nos dais quanto tendes, quanto sois, e tudo nos dais por tão pouco, com a Divindade tão cingido, e com a Immensidade tão apertado? Sim, que nos deo tanto, em tão pouco: quiz que fosse o modo mais fino; para que tivesse a fineza mais preço. Quem quer dar muyto, e parecer que dá pouco, que faz? Se havia dar, v.g., vinte mil cruzados, compra hum diamante fino desta valia; e lho dá á pessoa da sua affeyção: donde sendo tanto o preço, e tão pequeno o vulto, vem a ser o modo mais fino. Consideray esse Divino diamante do Ceo, onde estão todos os thesouros do Divino amor,

Ad
Phi
lip. 2.

Mat-
th. 5.
102

Acton
c. 9

amor, da bondade, e da im-
mensidade Divina: *Omnes
divitias divini sui erga ho-
mines amoris effudit*; por-
que mais nesta preciosa fine-
za nos deo o seu exemplo,
que não só por seu amor, deo
que tem de seu: O que mais
estima, he dar-lhe cada qual
o que tem de si.

Mat-
th. 5.
16

Açtor.
c. 2.

49 Fez Christo a S.
Pedro pedra fundamental
da sua Igreja: *Tu es Petrus,
& super banc petram aedifi-
cabo Ecclesiam meam.* E a S.
Paulo o fez Valo da sua eley-
ção: *Vas electionis est mihi
iste.* Aquelle favor, q̄ Chris-
to fez a Pedro, foy por dey-
xar barcos, e redes, e tu-
do quanto tinha de seu, por
seguir ao Senhor: *Ecce nos
reliquimus omnia, & secuti
sumus te*; e aquelle favor,
q̄ fez a Paulo, foy por deixar
a propria vontade toda á
vontade do mesmo Christo:
Domine, quid me vis facere?
E por isso dizem muytos, e
com ração, que foy ma-
yor fineza a de Paulo, do
que a de Pedro. Como póde
ser isto? Ser menor a fineza
de Pedro; e ser mayor a de
Paulo? Sim: Porque Pedro

deo só o que tinha de seu:
Ecce nos reliquimus omnia;
Paulo deo sobre o que teve
de seu, como os mais Após-
tolos: *Ecce nos reliquimus
omnia*: deo demais quan-
to tinha de si; porque da
propria vontade fez of-
ferta a Christo, pondo-se
todo nas mãos do Senhor:
Domine, quid me vis facere?
Como dizendo lhe: Senhor,
esta minha vontade, já não
he minha, toda a vontade
he vossa; fazey de mim o que
quereis que faça: por vós,
meu Senhor, deyxou tudo
quanto tenho da terra; e
sobre tudo o que tenho de
mim, vos entrego toda a mi-
nha vida, e coração, e alma;
com que tudo não he meu, e
tudo he vosso. Por isso como
he de mais estimação para
Deos o dar-se cada qual o
que tem de si, q̄ saber deyxar
tudo quanto tem de seu; foy
a mayor fineza de Paulo, do
que a fineza de Pedro; por-
que deo Paulo tudo quanto
tinha de seu, e de mais, por
amor de Christo, deyxou
tudo o que tinha de si, von-
tade, alma, vida, e cora-
ção: por onde mereceo ser

eleyto vaso, e archivo do seu Santissimo Nome: *Ut portet nomen meum coram gentibus, & Regibus, & filijs Israel.* Cujá excellencia a nenhum outro foy concedida.

Actos.
c. 13.

50 O dito S. Paulo isto mesmo entendeu de David, quando entre todos os de Israel escolheo Deos a David muyto conforme ao seu coração: *Inveni David virum secundum cor meum.* Hum homem guizado muyto a meu gosto, muyto á minha vontade, e tanto de meu agrado, que gostey chamar me filho de David: deyxando outros Reys, e Patriarchas Santos, de quem eu descendo da linha humana; entre todos os mais, só achei a David conforme o meu coração: *Inveni David virum secundum cor meum.* Meu Deos, aonde deyxais Abrahaõ, que era Pay da Fé, pelo sacrificio, que vos offerece? ou Izaac, pela bõa vontade de querer por vosso amor ser sacrificado? ou Jacob, que descestes do Ceo á terra a abraçar-vos com elle?

E sendo estes tres Patriarchas tanto de vosso agrado, que vos intitulaes Deos de Abrahaõ, de Izaac, e de Jacob: *Deus Abraham, & Deus Isaac, & Deus Jacob.* Pois nenhum destes, ou algum dos mais Santos, que ha na Escritura, vos inclina o seu amor; só David vos rende, e vos obriga o seu coração: *Inveni David virum secundum cor meum?* Sim, diz Deos, só o coração de David achei conforme ao meu coração; porque David he o que ha de fazer todas as minhas vontades, e satisfazer a meu exemplo, o que deseja obrar por meu Santissimo nome: *Qui fecit omnes voluntates meas.*

51 Almas Catholicas, este Divino Senhor se nos rende ao amor, que lhe temos, quando lhe damos todo nosso coração; porque elle se cingio para estreitar-se conosco, e alargar-se comnosco; mostrando-nos o seu exemplo, para fazermos por elle o que elle fez por nós; porque entrando no mundo se cingio, não sómente na sua pessoa, mas tam-
bem

Isai.
11.

Exod.
c. 3.

bem em todas suas acçoens: Cingio não só a sua Divindade com o cinto da nossa humanidade; mas tambem com o cinto da justiça (que he huma virtude universal, com que cingia todas as cousas, como diz Izaías: *Et erit justitia cingulum lumborum ejus, & fides cinctorium renum ejus.*) Cingio sua divina riqueza com nossa pobreza, sendo elle o Senhor das riquezas todas. Cingio a Magestade de seu Imperio, cmo a baixeza de nossa fervidaõ, o que, podendo mandar, quiz servir, como disse: *Non veni ministrari, sed ministrare.* Cingio seu descanso com nosso trabalho, para nós descansarmos, e elle trabalhasse, gastando mãos dias, e noytes; sem elle ter huma hora de descanso em trinta e tres annos de vida: com que não me dareis coufa em Christo, em que não andasse cingido; no comer, pois jejuou quarenta dias, e noytes; no vestir, taõ honesto, e pobre: nas honras, pois recuzou, e fugio dellas, tanto, que ainda até o titulo de Rey o apartou

de si, posto na cabeça, na Cruz; e assim em todas as demais coufas, sem querer tomar dellas, mais que o muy preciso, e necessario para viver.

52 Neste traje, e assim cingido, se nos pinta elle, pelo seu Evangelista, pelos peytos com hum apertador de ouro: *Præcinctum ad mammillas Zona aurea.* E Daniel diz tambem, que o vio cingido pelos rins: *Et renes ejus accincti auro obrizo.* Mas que tem que ver huma coufa com outra, ser Christo cingido pelos peytos, e cingido pelos rins? Tudo tem seu mysterio, como discorrem os Escriitores. Mas agora digo eu, que acho a differença, que ha entre a velha, e nova Ley; porque na Ley velha, antigamente, aquelle culto exterior, a que S. Paulo chama (*Sanctum Seculare*) taõ sómente tratava da consciencia corporal, e dos affectos libidinosos, que grandemente inquietavaõ, e alteravaõ exteriormente os rins, os quaes devem cingirse, e refrear-se com cuida-

Apoz
cal. I.

Darr.
10.

Ad
Hebr.
9.

do. Porém a nova Ley não sómente trata de pôr nelle cinto esse externo; mas tambem o consentimento interior, e cingir os lombos, como disse S. Pedro: *Succincti lumbos mentis vestrae.* Que a isto tirou o Senhor, quando por S. Mattheus foy dizer, que não só se haõ de cingir os exteriores lombos, que he o para que o Senhor apparece na velha Ley, desta maneyra cingido; senão tambem os affectos interiores, e os desejos, que alli se fragoão no coração, para q̄ vem cingido na Ley nova o Senhor pelos peytos, que he o lugar, onde o coração rezide. E para que ninguem se chame a engano, se cinge o Senhor pelos rins, e pelos peytos: *Alli: Renes ejus accincti auro obrizo: e aqui: Praecinctum ad mammillas Zona aurea.*

53 Com este apertador de ouro o vio o Evangelista como alli o estamos vendo rodeado de tantas luzes, cheio de feu amor, e charidade; para que tambem taõ cingidos com elle, como nos dá seu exemplo, só o a-

memos, e sirvamos, com vida, alma, e coração, mandando-nos no seu Mandato: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & ex tota anima tua, &c.* Exhortando-nos que nos vistamos das armas, (que saõ vigalias, jejuns, oraçoens, e todas as virtudes) e todo amor, que lhe devemos, para fazermos guerra ao demonio, que pertende vencer-nos com as armas de suas maquinas diabolicas; porque muyto nos teme este nosso capital inimigo, como nos diz este Divino amante, referido de Santo Athanasio: *Mibi credite fratres, pertimescit Sathanas piorum vigalias, orationes &c. Maximè verò ardentem amorem in Christum Dominum.*

54 Quem persuade aos demais, que amem grandemente a Deos, vede como amaria a si mesmo o proprio Divino amante! Como arderia este mesmo fogo na continua chamma da sua charidade, no altar do seu coração! Segundo, q̄ o mandava o mesmo Senhor: *Ignis in*

I.
Petri.
I.

Mat-
th. 3.

Mat-
th. 22.

Pro-
verb
23.

D.
than
in e
vit.

Can
8.

Det
ter.

in Altari meo semper ardebit. Assim o fez, como o persuadio; não admittio jámais amor algum em seu coração. Por isso nos persuade que de todo nosso coração só a elle o amemos; porque lhe devemos dar todo o interior, alma, vida, & coração, e amor todo inteYRO; desprezando tudo mais, que ha no mundo: mas só o nosso coração sempre o está pedindo: *Præbe mihi, fili mi, cor tuum.* Filho meu, da-me o teu coração. Ex-aqui o que nos pede este Divino Esposo de nossas almas; & este lho devemos dar por mil titulos: tudo o mais, que tendes de vosso, o podeis dar a quem quizerdes, porque tudo o mais para elle he nada.

55 Assim o diz elle: *Si dederit homo omnem substantiam suam pro dilectione, quasi nihil despiciet eam.* Se não lhe pagais com amor, (que amor com amor se paga) não estima tudo o mais, que lhe podeis dar: ainda que lhe deis toda a fazenda, e todas as riquezas do mundo, tudo defestimarã, como

se for nada: *Quasi nihil despiciet eam.* Pois razão he, que se vosso Esposo se cinge pelos peytos com apertador de ouro, e se veste dessa gála: *Præcinctum ad mammillas Zona aurea;* vos cingais vós tambem com o apertador do seu amor, e charidade, e taõ cingidos com elle, que só a elle ameis, e sirvais; porque mal se póde servir, nem amar a dous, a Deos, e ao mundo: porque diz Izaías: *Pallium breve est, utrumque operire non potest.* A peça do coração do homem he pequena, e não póde vestir-se com ella ao mundo, e a Deos: *Nemo potest duobus Dominis servire:* porque a alma não tem cabedal para cobrir a tantos, nem póde acudir a muytos desejos. Pois, peccador, que fazes? que ainda que não dês o que tens de teu, cingite, e dá a Deos o que tens de ti: tens essa vontade, esse coração; elle te pede Deos: *Præbe mihi cor tuum;* e pois elle se unio tanto, para te enriquecer; cinge-te, e da-lhe o coração, para o contentar, para isso te ordena o

Isa. 28.

Matth. 6.

lat. 1. 22.

Pro-verb. 23.

D. chan in e vit.

Cant. 8.

Det. ter.

amor Divino : *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, &c.* E para isso te dou o exemplo : *Exemplum enim dedi vobis, &c.*

Misit aquam in pelvim:: Nihil omisit. Disse Chryfotomo.

56 **L**Ançou agoa na bacia, e gottou o cantaro, e em fim, fez tudo o que era precizo; não deyxou nada por fazer do que era necessario : *Nihil omisit*; para nos dar exemplo, que nas diligencias do seu amor se haviaõ de esgottar os meyos, para conseguir o fim, que se deseja; e que entãõ tudo se havia de acabar : nas virtudes, não havia de ficar nada por fazer. Aquella vara de Aaraõ, que reverdeceo, floreceo, e fructificou juntamente, foy jeroglyphico de todas as virtudes, que se continhaõ no Tabernaculo de Deos, aonde Moysés pôs a vara entre as mais das doze Tribus de Israel: pois entrando Moysés ao outro dia no Tabernaculo, achou que a vara de Aaraõ não só reverdeceo, e floreceo, mas tam

bem lha achou cõ fructo: *Sequenti die regressus invenit germinasse virgam Aaron in domo Levi; & surgentibus gemmis erumperant flores, qui, folijs dilatatis, in amygdalas deformati sunt.*

57 Prodigio soberano ! Que essa vara reverdeça, não me admira; porque o mesmo Deos o promettera: *Erit homo, quemcumque elegero, virga ejus germinabit.* Mas que no mesmo dia, e mesmo ponto se encha a vara de flores, e fructo : *Erumperant flores, &c.* isto he o que me assombra, vendo a liberalidade deste Senhor na sua promessa, e nas mais, que alli vos tem feyto. Meu Deos, que he isto? Dais vossa palavra, que a vara ha de reverdecer com folhas; e quando buscaõ o cumprimento della; não só achaõ a vara reverdecida com folhas, mas demais a mais flores, e amendoas : *In amygdalas deformati sunt?* Sim; diz Origenes. Vede ahi quãta he a Divina liberalidade; pois dá muyto mais do q̃ prometteo: *Ut cum largiorem in præstando, quam in promit-*

Num.
tom.
1.

promittendo videamus. Assim haviaõ satisfazer alguns homens, que eu sey, e muitos mais, que o mundo conhece: no mundo promettem fructos, e pagaõ com folhas; promettem obras, e o cumprimento laõ palavras, nem ainda palavras lhas achaõ, quando a seu tempo lhas buscaõ: Mas só em Deos achamos tudo, e muito mais; porque prometendo folhas dá com sua magnificencia o que prometteo, e demais amais accrescenta flores, e fructo: *Erumpent flores, qui, foliis dilatatis, in amygdalas &c.*

58 Mas ainda vamos á conclusaõ deste assombro. A vara de Aaraõ, que reverdeceo, floreceo, e fructificou, he figura das virtudes; o Tabernaculo, em que ficou essa vara, he figura do Ceo: as doze varas das doze Tribus de Israel, como assim Moysés as pôs no Tabernaculo, para ao outro dia ver qual dellas reverdeceria, eraõ seccas; e na de Aaraõ se achou este prodigio. Mas como no reverdecer, florecer, e fructificar ha uecessa-

rio passarem muitos dias, mezes, e mais tempos; porque n'um anno esperaõ as arvores. para darem (conforme os seus tempos) as suas folhas, depois as suas flo. es, e depois os seus fructos; como nesta vara, logo n'um dia, e no mesmo ponto fez Deos este portentoso? Como fez isto? Porq' assim o quiz, que Deos tudo póde fazer; nesta vara fez Deos logo todas as virtudes para o Ceo; para nos mostrar que naõ ficou nada por fazer, para bem dos homens; porque tambem, para bem de todos, naõ ha de ficar nas consciencias nada de culpa.

59 Prégava penitencia aos peccadores o Grande Bautista, dizendo que ella era como pedra fundamental para reconciliar os homens com Deos: *Quia potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ.* E alli dos rebeldes, diz que ja o machado está posto ao pé da raiz da arvore: *Jam enim securis ad radicem arboris posita est.* Pois naõ bastava q' a esta arvore só lhe cortassem os ramos, ou o tron-

Matth. 3

Luc. 3

Num.
17.

Orig.
um.
5. in
17.

tronco; mas tambem a raiz? Sim, pela raiz tambem se ha de cortar: porq̃ se lhe cortára os ramos, ficava o tronco para tornarem a crescer os ramos; se lhe cortára o tronco, ainda da raiz produziria ramos, e troncos: mas cortada a raiz, nada podia ficar, nem produzir: por isso diz Pedro Bertolo, que esta arvore era figura dos peccadores: *Fam securis ad radicem arboris peccatorum.* E de peccado não convem q̃ deixe nada: de todo peccado ha de ficar o homem limpo na consciencia; para produzir o homem todas as virtudes, com que possa vir a ser hum grande Santo.

6o Aquella pedra, q̃ derubou a Estatua de Nabuco, ou he similhaça de Christo, ou de hum Justo: e a Estatua he figura do peccado, e de todos os peccados: a pedra, que desceo do monte sem impulso humano: *Petra de monte sine manibus,* esta deo nos pés da Estatua, e toda a desfez em cinza; mas desta ruina se fez hum monte tão grande, que encheo toda a redondeza da

terra: *Lapis, qui percussit statuam, factus est mons magnus, & implevit universam terram.* Os montes são figura dos Sãtos, como diz a Igreja: *Montes excelsi Sanctorum super Sion montem Sanctum ejus.* Pois huma pedra dura em tão breve espaço de tempo ja se vê hum Santo tão grande; que encheo de Sãtidade todo mundo: *Factus est mons magnus, & implevit universam terram?* E a Estatua, sendo tão grande, que era fabricada de tantos metaes, ouro, prata, bronze, e barro, figura do peccado, e de todos os peccados; que era idolo, a quem todos adoravaõ, e veneravaõ, e so com o toque dessa pedra, ou desse tão grande Santo, tudo isso aruinou, e desfez em cinza: *Redacta est in favillam æstivæ, que rapta est vento,* tem ficar nada desta maquina: *Nullusque locus inventus est eis?* Sim: Nada ficou de fazer em cinza, nem do ouro da soberba, nem da prata da cobiça, nem do bronze da inveja, nem do ferro da ira, nem do barro da luxuria:

xuria: *Cōtrita sunt pariter, nullusque locus inventus est eis.* Com q̄ desfaz tudo, sem ficar nada do peccado; porq̄ essa pedra teve virtude para fazer quanto quiz, enchendo os vazios do mundo todo, e por virtude Divina fez tudo; pois, ainda que começou (pedra, acabou Santo com similhaça de Christo, sem ficar nos foros de terreno, passará a huns álens de mais de humano, e será hum retrato do Divino.

61 Logo no principio do mundo o amor Divino se aparentou, a Divina natureza com a humana; porque Deos fez o homem á sua Imagem, e similhaça: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* E o mesmo amor ja mostrou essa similhaça, disse o Filosofo: *Similitudo est causa amoris.* Dizer pois Deos, façamos o homem á nossa similhaça, foy significar que não podia faltar amor em Deos para com o homem, quando o homem era hũa similhaça de Deos. Mas para que quiz Deos aparêtar-lê tanto com o ho-

mem, senão para ter Deos no homem hum retrato seu? Supposto isto: quem haveria no mundo, qae aborrecesse o seu retrato, sendo natural na similhaça, e no artificial sobre maneira perfeito? He certo q̄ ninguem. Por isso Deos fez o homem á sua imagem: *Ad imaginem quippe Dei factus est homo.* Porque isso foy querer ter Deos hum retrato vivo da sua Omnipotencia; pois havendo em Deos huma Essencia, houvesse no homem huma alma; e tendo no Creador tres Pelloas, se dessem tambem na alma do homem tres potencias. Finalmente, quando o retrato he taõ perfeito, julguay se será perfeito o amor, que Deos logo mostrou no principio do mundo, na creaçãõ do homem, para ser hum retrato do Divino.

62 E não contente só com este retrato o nosso Creador, se accrescentáraõ os seus estremos no parentesco dos homens entre o Ceo, e a terra; poiq̄ não somente ficou Deos Creador destes homens, mas tambem

Joan.
1.

os homens ficaraõ filhos de Deos, como diz o mais amado de Christo: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri, his, qui credunt in nomine ejus.* Finezas taõ infinitas saõ estas, q̃ o Divino amor accrescentou aos respeitos de Creador; a relação de Pay, q̃ parecia impossivel fazer-se, senaõ interviesse a graça aos homens, para Deos fazer tudo, e naõ deixar de fazer tudo o que era necessario. Temos disto hoje grande exemplo neste Senhor: por q̃ o mundo naõ cuidasse que lhe faltava algũa coula por fazer o seu amor; por isso fez tudo quanto era necessario; e precizo: *Nihil omisit.* Parecia impossivel que o homem fosse Deos, e Deos se fizesse homem, ajuntando-se extremos taõ distantes, como he do Ceo á terra: esse impossivel fez alli o Divino amor. Parecia, e he impossivel, que os accidentes pudessem estar sem sujeito, e assim está neste Sacramento do Altar. Parecia impossivel que o corpo tivesse as condiçoens de espirito, estando todo; e assim está neste Sa-

cramento. Parecia impossivel, que hum corpo humano estivesse todo em toda a parte, e todo em qualquer parte; e assim vemos nella Hostia o Corpo Sacramentado de Christo. Vede pois como fez impossiveis. E para que? Para nos dar exemplo, que se obedecermos ao seu mandato, tendo-lhe amor, será facil o impossivel.

63 Hum impossivel, entre outros impossiveis, encontro em S. Pedro, vendo a Jesus, andando sobre as agoas: *Ambulans super aquas venit ad Jesum.* Pois andar hũ homem sobre as agoas do mar, e andar com seus pés sobre essas ondas, naõ he isto symbolo do impossivel? Sim he: logo como he isto? Sabeis o q̃ he? He q̃ o Senhor o mandou vir a elle: *Jube me ad te venire super aquas.* Vale-se ũdo mandato de Christo, *jube me*, e do amor de Pedro: *Tu scis Domine, quia amo te.* E bastava esse mandato de Christo, e esse amor de Pedro, para que amando os homens a Deos, e mandando esse Senhor, possamos fazer impossiveis.

Mat.
th. 14.Joan.
21.

64 O mesmo Divino Mestre manda a seus Discipulos: *Estote ergo vos perfecti, sicut & Pater vester Caelestis perfectus est: Estote Misericordes, sicut & Pater vester misericors est.* Aconselha, mandando q̄ sejaõ perfeitos, como he perfeito seu Pay Celestial; e tambem sejaõ misericordiosos com caridade, como he seu Pay. Esta prerogativa transcẽde a esfera humana; porque a perfeiçaõ dos Discipulos naõ passa da tal esfera, e a perfeiçaõ do Pay Celestial he Divina. Que sejaõ os Discipulos misericordiosos, caritativos, e perfeitos, isto naõ duvido; porque he doutrina do mesmo Mestre Soberano; mas que lhes aconselhe cresçaõ tanto na perfeiçaõ, e caridade, que cheguem a igualarem-se á perfeiçaõ, e caridade do Pay Celestial: *Sicut Pater vester*, he muito de reparar. Porque o conselho, e preceito deve ser de materia possivel: e competir com Deos na perfeiçaõ, igualar a Deos na caridade, bem se deixa ver que he empreza

impossivel. Assim o mostra: e posto que seja impossivel, parece que o aconselha mandando Christo a seus Discipulos: *Estote ergo perfecti, sicut & Pater vester Caelestis perfectus est &c.* Igualar-se huma creatura a seu Creador na perfeiçaõ, cousa impossivel he; porẽm deseja o Divino Mestre que a virtude, e amor de seus Discipulos, para com Deos, chegue a tal grão de perfeiçaõ, que intente até impossiveis; porque aquelle amor, que a isto se rende, he amor fraco; amor que chega facilitar-se a tanto, esse fim; esse he o mais valente; como o insinua S. Gregorio Nissenno delgadamente: *Qui vere virtutem sequitur, Deo, qui vera virtus est, participatione conjungitur, Deus autem terminum non habet.* Reparem o mysterio daquelle *vere*, como mais claro mostra o Santo: amor, q̄ só intenta o factivel, ordinariamente he sombra; o amor, que intenta o impossivel, passa tanto ávante, que he luz da Divina graça.

65 Sem ser heresia, podem

Mat. th. 5.

Luc. 6.

Mat. h. 1.

Mat. h. 1.

Greg. Nissen. lib. de vit. Moyse.

dem os homens fazer tudo com a graça Divina, como diz S. Paulo: Não me tenho por Deos, mas no mesmo Senhor confiado, posso eu, como homẽ, fazer tudo: *Omnia possum in eo, qui me confortat*, como o confirma S. Bernardo: tudo pôde quem na graça de Deos confia: *Nihil Omnipotentiam Verbi clariorẽ reddit, quã quòd homines, qui in se sperant, omnipotentes facit*. Esta he a força do poder Divino; porq̃ sendo o homem por natureza fraco; por graça o faz todo poderoso.

66 Caminhava Jacob para Mesopotamia ja a servir a Labaõ, por amor de Rachel, e no caminho chegou a hum poço coberto com hũa grande pedra bem pezada, e para a tirar, eraõ necessario muitos homens; junto do poço estavaõ ja bastantes pastores, a quem disse Jacob: Amigos, não ouvís balando esse gado por beber? descobri o poço, tirando-lhe a pedra de cima, para que o gado beba: *Non possumus*. Responderaõ elles, não podemos; porque

esperamos venhaõ mais pastores, que ja vem descendo da terra, com todo o mais gado: e como lhe disseraõ que tambem alli vinha Raquel com o seu rebanho, logo disse Jacob: ja que vós outros não podeis, eu só posso tirar a pedra desse poço; chega á pedra, põem-lhe o hombro, e vira a pedra da outra parte: *Amovit lapidem, quo puteus claudebatur*. Como pôde ser isto? Muitos homens robustos, como pastores, exercitados em forças, dizem que não podem, por ser a pedra muito grande; e só Jacob, que era moço, pois ainda hia servir a Labaõ, pode tirar essa grande pedra? Sim: Chrysofostomo diz; porque Jacob acertou de ver o gado de Labaõ, que pastoreava Rachel; levado do seu amor, e do zelo de seu Pay, a quem hia servir, por isso accõmeteo, que podia tirar a difficuldade, que havia; e a venceu: *Superno auxilio roboratus prævenit bene filiis Laban*. Por isso Jacob valorosamente accõmette, q̃ podia tirar a difficuldade, que havia

Paul.
ad
Phil.
c. 4.
S.

Bern.
ibi.

Gen.
6.

Chry
soft.
Gen.
28.
hom.
55.

havia, e a venceo.

67 Se pois tudo póde vencer quem bem ferve, por amor de quem bem ama; e se as forças de hum homem pudéraõ vencer esse impossivel; porque o não poderemos vencer nós, por serviço Divino, quebrando as forças desta nossa depravada natureza? Oh peccador, e tu que fazes por amor de Deos, e deste seu exemplo, se não continuar a soberba, a cobiça, a vingança, e todos os mais vicios, e peccados? Dirão alguns: Padre, soberba não sey que cousa seja; porq̃ eu me metto por baixo dos pés de todos: não sou vingativo; porque quebro de meus pundonores, e os aggravos, q̃ me fazem, não lanço mão delles, e entendendo q̃ com todos estou bem-quisto: não sou avarento; porque da minha porta não vay pobre sem esmóla: não sou ladraõ; porque não roubo a ninguem, nem retenho o alheyo: não ando mal encaminhado; trato bem da minha casa, e do bem da minha fazenda, e da familia: não falro ás Mislas, préga-

çoens, confissoens, e communhoens &c. Se cada qual de vósoutros isto faz, he Santo: mas ainda ha mais de bem, que não fazeis; ouvi o que diz o Evangelho *Qui totam Legem servaverit, in uno autem offenderit, omnium factus est reus.* O que guardar toda a Ley, mas se offender só n'um preceito, he reo, e culpado em todos os deffã Ley. Oh quanto nos reprehende isto, ao exemplo deste Senhor, que nada deixou de fazer, para noslo exemplo, para que nós fizessemos tudo por seu amor, e seu serviço! Que importa dar a sangria ao enfermo, se havendo mister a purga, que lança fóra os máos humores, lhe não dais a purga? Que importa as dietas, pedra bazar, cordial, e apictos? fizestes muito, e faltou a purga, com que não fizestes tudo.

68 Vede o que diz o Senhor no lavatorio: Vós estais limpos, mas não todos: *Vos mundi estis, sed non omnes.* Lava os pés; porque ainda que tinha lavado o rosto, mãos, e pés, não esta-

Jaco
bus 7.

va limpo tudo: *Sed non omnes*. Pois não era razão que o Senhor mandasse aos Discipulos lançar a agoa na bacia? E sô este Senhor quer fazer tudo, sem deixar nada por fazer: *Nihil omisit*? E isto para o exemplo bem estava, mas não pudera mandar aos Anjos do Ceo que fizessem esse serviço? Bem pudèra; mas isso era usar do seu poder, e fazê lo este Divino amâte, era exemplo do seu amor. E quiz mostrar, que havendo amor verdadeiro, tudo se pôde fazer; porque não faz tanto o poder, como faz o amor.

69 Aparecêraõ os Querubins com quatro azas ao Profeta Ezechiel na carroça de Deos: *Pænna uni &c.* Aparecêraõ tambem os Serafins com seis azas ao Profeta Izaias no Throno do mesmo Senhor: *Sex alæ uni, sex alæ alteri*. Valha me Deos; que admiravel visaõ! Os Querubins com quatro azas, e com seis os Serafins? Não são todos espiritos celestes? Sim são. Pois para que os Serafins com mais azas, e os Querubins com

menos? Que mysterio tem isto? Direy: Os Querubins são scientes: *Plenitudo scientiæ*; e os Serafins são amantes; os Querubins na razão do entendimento se fundão; e os Serafins no amor da vontade se inflammaõ. E muito mais obra o amor, do que obra a razão.

70 Disse o Senhor aos Discipulos: Eu sou Senhor, e Mestre, como vós chamais, e vós conheceis: *Vos vocatis me Magister, & Domine, & bene dicitis*. E se eu vos lavey os pés: Vós deveis de lavar os pés aos outros: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*. Por isto era razão que os Discipulos servillem ao Senhor, e ao Mestre, q̄ isto era razão verdadeira. E porque não succede isto agora? Porque agora mostra este extremo de servir o Senhor, e Mestre aos Discipulos? Mas porque agora fez isto? Porque mostrava usar do seu amor; porque muito mais costuma fazer o amor, do que costuma fazer a razão. Razão era q̄ não peccassemos. E porque peccamos deixamos por ventura,